

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

ASSOMBROSO

SISTEMA DIGITAL MSB SELECT DAC



E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

CÁPSULA GRADO STATEMENT MASTER 2

MERCADO

SAMSUNG REVELA O LADO TÉCNICO DOS
DIFERENCIAIS DAS QLED 8K E 4K 2019 EM
EVENTO EM SP

MATÉRIA TÉCNICA

DICAS DE CONEXÕES ELÉTRICAS PARA
ÁUDIO E VÍDEO HIGH END

DOCE MUSICALIDADE

AMPLIFICADOR AIR TIGHT ATM-300 ANNIVERSARY



**MUSICIAN: O NEOBARROCO E O NEOCLASSICISMO
DO SÉCULO XX - VOL. 14**



Regional Partner of CONMEBOL Copa América Brasil 2019



The Creative Life

SEMP TCL
PATROCINADORA OFICIAL



controle
por comando
de voz



UMA LINHA COMPLETA DE TVs COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.

TALENT MARCEL



androidtv **AI**

Google Assistant



Chromecast
built-in



Google
Play



Bluetooth



HDR

ÍNDICE



SISTEMA DIGITAL MSB SELECT DAC

32



EDITORIAL 4

Uma nona sinfonia de Beethoven de tirar o fôlego



NOVIDADES 8

Grandes novidades das principais marcas do mercado



HI-END PELO MUNDO 12

Novidades



ENTREVISTA 14

Mônica Salmasso, cantora



OPINIÃO 18

Quando menos é mais



MERCADO 22

Samsung revela o lado técnico dos diferenciais das QLED 8K e 4K 2019 em evento em SP



MATÉRIA TÉCNICA 24

Dicas de conexões elétricas para áudio e vídeo High End



42



50



22



TESTES DE ÁUDIO

32

Sistema digital MSB Select DAC

42

Amplificador Air Tight ATM-300 Anniversary

50

Cápsula Grado Statement Master 2



DESTAQUES DO MÊS - MUSICIAN

Bibliografia: o Neobarroco e o Neoclassicismo do século XX

56

Bibliografia: o Neobarroco e o Neoclassicismo do século XX

64

Discografia - o Neobarroco e o Neoclassicismo do século XX - Vol. 14

68



ESPAÇO ABERTO 72

As memórias que não nos deixam esquecer



VENDAS E TROCAS 74

Excelentes oportunidades de negócios



XX

Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

UMA NONA SINFONIA DE BEETHOVEN DE TIRAR O FÔLEGO

Todos os amantes da música clássica certamente possuem sua gravação preferida da Nona de Beethoven. E muita tinta e páginas e mais páginas foram escritas, por diversos críticos e musicólogos, na defesa das gravações mais impactantes. A lista é grande, e unanimidade neste tipo de discussão nunca terá um vencedor. Alguns, à plenos pulmões, dirão se tratar da primeira gravação do maestro Karajan, ou a sua terceira, outros lembrarão da gravação feita pelo maestro Solti, e se dermos cordas à todos se manifestarem passaremos uma década escutando das mais óbvias às mais esquecidas de todas as gravações já feitas. Eu, por exemplo, colocaria nesta lista a do maestro Celibidache, pela sua ousadia de levantar uma discussão de que o andamento desta obra, com o passar do tempo, tinha tido seu tempo acelerado, de maneira proposital, mas com resultados estéticos musicais duvidosos. E fez sua gravação seguindo estritamente o escrito nas partituras originais. Escrevi até um artigo, muitos anos atrás, a respeito desta gravação e minha admiração por dar às gerações mais novas a oportunidade de acompanhar esta magnífica obra como foi concebida e executada até o início do século XX. Mas, certamente, a versão do maestro Celibidache não estaria no Top Five de nenhum crítico musical, pois as resenhas da mesma foram muito negativas na época de seu lançamento. Mas, ainda assim, aprecio e a ouço frequentemente, pois se tem algo que me agrada nesta gravação, além do andamento correto, é a possibilidade de ouvir, na íntegra, com a maior inteligibilidade possível, todos os quatro movimentos (principalmente o quarto, com a entrada do grande coral, que em inúmeras gravações a orquestra e o coral ficam uma massa sonora de difícil entendimento). Assim sendo, dependendo do meu estado de espírito, sempre que escuto a Nona de Beethoven, ouço a gravação do Solti (em LP), a do Celibidache (CD), ou a terceira gravação do Karajan (CD). Mas, lá no fundo de minha alma, sempre pensei que seria fantástico se houvesse uma gravação que tivesse o andamento correto, a precisão e a performance de uma orquestra sinfônica de referência mundial e total inteligibilidade em todos os quatro movimentos (e não só do primeiro ao terceiro). E esta gravação existe, meus amigos, e coloco na íntegra o link para o vídeo neste editorial, para que você possa tirar suas conclusões se concorda ou não comigo. Ela foi apresentada no dia 18 de setembro de 2014 pela Orquestra Sinfônica e Coral de Chicago e regência de Riccardo Muti. Todas as revistas dedicadas à música clássica afirmam que a Sinfônica de Chicago encontra-se hoje em seu auge, conseguindo uma regularidade e um equilíbrio entre todos os naipes da orquestra, o que a coloca entre as melhores da atualidade. Assino embaixo! Se você for um fã desta sinfonia, certamente irá se surpreender com a qualidade de todos os naipes, com excelentes músicos que conseguem dar uma consistência impressionante quando tocam em conjunto. A orquestra toda soa homogênea e o

maestro Riccardo Muti, conduz a orquestra com enorme segurança. Tanta segurança que, por duas vezes, ele simplesmente pára de reger e só acompanha a orquestra fluir alegremente (não vou falar em quais movimentos isto ocorre, para forçá-los a assistirem à apresentação na íntegra). Eu, sinceramente, jamais tinha visto tal postura de nenhum maestro, de parar de reger e só assistir - impressionante! Isso nos mostra o grau de empatia entre a orquestra e o regente. Mas, a beleza desta gravação não se faz sublime por esses pequenos detalhes, e sim pelo cuidado em tudo: desde o andamento correto, as variações dinâmicas perfeitas e a total inteligibilidade nos quatro movimentos, mesmo no Gran Finale do quarto movimento. Tanto os quatro solistas vocais como o coro, com 210 vozes, soam coesos e grandiosos, como o compositor imaginou para o último movimento! Claro que todo este esmero não teria este resultado se a acústica da sala e o engenheiro de gravação não estivessem à altura da apresentação. Pela ovação do público ao final, é possível medir o que ocorreu naquele dia e como a crítica reagiu nas semanas seguintes após a apresentação! Os elogios foram de "noite irretocável" à "apresentação que entrará para a história da Nona de Beethoven"! Eu iria mais longe e diria que, de todas as gravações desta obra que foram feitas neste século, esta é de longe a melhor em todos os sentidos! Só peço um favor a todos que tenham interesse em assistir, que utilizem um fone decente, pois a gravação é de alto nível.

Para esta edição, testamos o DAC top de linha da MSB, o Select, e pela chamada de capa o leitor já deve ter uma ideia do nível deste conversor. Também testamos um amplificador valvulado 300B edição especial de aniversário de características 'sedutoras', e uma cápsula da Grado com uma relação custo/performance impressionante. Nosso colaborador Juan preparou uma matéria técnica muito especial, ensinando passo a passo como fazer uma instalação elétrica dedicada, e o nosso colaborador de vídeo Jean fez a cobertura do evento da Samsung de lançamento das TVs Qled 8K.

Espero que vocês apreciem esta edição e, aos que assistirem o vídeo da Nona Sinfonia de Beethoven, nos passem suas impressões. Pois adoraria conhecê-las!



IMPRESSIONANTEMENTE
REVELADORLINHA
EDGEAMPLIFICADOR
DE POTÊNCIA

Em comemoração aos 50 anos da Cambridge Audio, perguntamos aos nossos engenheiros uma questão simples: “o que vocês fariam se qualquer coisa fosse possível?”. Esqueça os custos. Esqueça as limitações. A resposta é a Linha Edge. Um sistema Hi-Fi altamente refinado, que oferece um palco sonoro com todos os detalhes. Fiel às fundações da Cambridge Audio em inovação criativa e ambição empreendedora.

The background of the advertisement is a dark, atmospheric landscape. It features a night sky with a visible starry pattern and dark, swirling clouds. Below the sky, there are dark, jagged rock formations or cliffs. In the lower right, a small, calm body of water reflects the light from the sky. The overall color palette is dominated by deep blues, purples, and blacks, creating a sense of mystery and depth.

SAMSUNG

Comece a ver muito mais

Comece a ver mais detalhes e profundidade com 33 milhões de pixels, o máximo do preto e imagens perfeitas em qualquer resolução.

Saiba mais em samsung.com.br/qled8k



Imagem referência. Consulte o site ou vá até uma loja para verificar o produto antes de realizar a compra. A reprodução de materiais 8K é baseada nos padrões atuais de streaming, conectividade e decodificação de 8K. A reprodução de materiais que demandem novos padrões pode exigir a compra de um adaptador separadamente. Mais informações em samsung.com.br/qled8k.

QLED 8K





SAMSUNG APRIMORA MODO AMBIENTE 2.0 DAS QLED TVS 2019



Quando o Modo Ambiente foi lançado pela Samsung nas QLED TVs 2018, amantes da decoração viram nesse recurso mais uma possibilidade de criação para o design dos espaços dentro de suas casas. Os usuários não precisariam mais conviver com a tela preta da TV desligada no meio da sala ou do quarto - o que destoava de tudo o que foi pensado para harmonizar com o local - e poderiam investir na TV como um item que se integra ao todo. Com a chegada das novas QLED 2019, a marca trouxe uma atualização de peso para tornar os espaços ainda mais atemporais e sofisticados, o Modo Ambiente 2.0*. Conheça em detalhes como a função possibilita a máxima integração da TV ao design do seu espaço.

Personalização

Essa função exclusiva da Samsung tem como objetivo fazer com que a TV “desapareça” quando desligada, replicando a textura da parede na tela do televisor. As QLEDs já oferecem algumas opções de planos de fundo pré-selecionados em sua memória interna, mas utilizando um smartphone e o aplicativo SmartThings, é possível fotografar a TV já instalada no local para que o aplicativo faça uma cópia do plano de fundo da parede e aplique no painel.

Feito isso, é possível deixar o ambiente ainda mais em harmonia. Com a versão 2.0 desse recurso, a Samsung pula de 12 para 56 novos conteúdos decorativos, divididos em cinco diferentes categorias: Fotos (reviva os bons momentos e transforme a sala de estar em uma galeria pessoal exibindo fotos preferidas), Informações (acompanhe informações úteis do dia a dia, como clima e horário locais), Decor (escolha conteúdos decorativos que combinem com

estilo da casa) e Artes (aprecie incríveis obras de arte de renomados fotógrafos e artistas).

O quinto modo, Edição Especial, conta com opções de arte criativa e conteúdo personalizável de design de interiores. Uma das opções disponíveis neste modo é o ‘Light Grid’, no qual o consumidor seleciona a combinação ideal de luzes para uma ocasião especial, como uma festa, customizando ao máximo o local.

Economia

Outro fator importante é o baixo consumo energético, uma vez que o Modo Ambiente 2.0 gasta apenas 30% do uso padrão do aparelho ligado. Se preferir, o usuário pode programar o desligamento automático da TV em uma, duas, três ou quatro horas. Dessa forma, o consumidor alcança economia de energia, enquanto transforma o aparelho em um item elegante e útil à sua decoração.

“Com a atualização do Modo Ambiente queremos que nossos consumidores adquiram um produto que se integre à decoração de suas casas. Com a versão 2.0, agora as possibilidades são ainda maiores para deixar o espaço do jeito que o cliente sempre sonhou”, afirma Erico Traldi, Diretor de Produto da Divisão de TV e AV da Samsung Brasil. ■

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br



AUTOMAÇÃO ÁUDIO VÍDEO

(31) 2555 1223 📞

comercial@hificlub.com.br @

www.hificlub.com.br 🌐

R. Padre José de Menezes 11 · Luxemburgo · BH · MG 📍

Empresa do Grupo Foco BH ©

CASA INTELIGENTE

SOLUÇÕES INOVADORAS DESDE O PROJETO DE
INFRAESTRUTURA, AOS EQUIPAMENTOS HI-END DE
ALTA PERFORMANCE E DESIGN!

UP GRADE

FAÇA UPGRADE NO SEU
SISTEMA COM A HIFICLUB



PROJETO
PATRÍCIA HERMANNY

LINHA FORMATION DA BOWERS & WILKINS TEM LANÇAMENTO ANUNCIADO PELA SOM MAIOR



A Som Maior, distribuidora oficial no Brasil dos produtos da Bowers & Wilkins, está anunciando o lançamento da extraordinária linha Formation de caixas acústicas sem fio amplificadas. Essa nova linha é formada por quatro modelos: Formation Duo, Formation Wedge, Formation Bar e Formation Audio, todos bastante diferentes entre si, mas com uma característica em comum: a excepcional qualidade de áudio que há mais de cinquenta anos vem caracterizando todos os produtos da Bowers & Wilkins.

Nesse sentido, toda a linha recebeu alto-falantes e amplificadores digitais de elevado desempenho especialmente desenvolvidos para equipar cada um dos seus componentes. O resultado são produtos capazes de proporcionar um som genuinamente hi-fi a partir de sua conexão com uma rede sem fio que em nada fica a dever em relação a uma conexão feita através de cabos. Isso fica especialmente evidente na reprodução de fontes de alta resolução de 96kHz/24 bits. Para isso foi desenvolvida a tecnologia patenteada mesh network (rede em malha), também caracterizada por sua grande robustez de sinal e um perfeito sincronismo entre as caixas acústicas. Tal sincronismo é da ordem de um microssegundo, quando as caixas estão localizadas no mesmo ambiente, e de milissegundos, quando instaladas em outros ambientes. Outra vantagem da tecnologia mesh network é que ela permite que a comunicação entre os integrantes de um sistema multiroom Formation funcione de forma independente da rede Wi-Fi.

A incrível qualidade de áudio dos integrantes da linha Formation é também consequência da aplicação de um elaborado circuito de processamento digital de sinais (DSP) e de equalização dinâmica (Dynamic EQ), para mantê-la inalterada mesmo durante o uso de elevados níveis de volume.

Todos os produtos da linha Formation são compatíveis com as principais tecnologias e serviços de streaming, como AirPlay 2, So-

nos, Spotify Connect, Bluetooth aptX HD, Tidal, Deezer etc., além de proporcionarem acesso a bibliotecas musicais contidas em computadores e notebooks.

O controle de um ou mais integrantes do sistema é feito através do aplicativo Home da Bowers & Wilkins nas suas versões para iOS e Android. Esse aplicativo é necessário para conectar os produtos Formation à rede Wi-Fi, estabelecer a conexão entre eles e para a realização de funções de configuração e controle.

Os produtos da linha Formation são disponíveis nas cores preta e branca. Como acessórios são oferecidos pedestais para as caixas Formation Duo e suportes de parede para a Formation Wedge e para a Formation Bar.



Formation Duo

O Formation Duo é um avançado sistema formado por duas caixas acústicas amplificadas para audição de música em estéreo com um som de incrível fidelidade. Graças aos baixos índices de latência mencionados acima, a imagem estéreo do sistema Formation Duo é perfeitamente estável, com uma precisa localização dos instrumentos dentro de um amplo e profundo palco sonoro.

No Formation Duo são utilizados alto-falantes desenvolvidos pela Bowers & Wilkins para equipar suas melhores caixas acústicas - um tweeter com domo de carbono da Série 700 dentro do conceito "tweeter on top" e um woofer/midrange com cone Continuum de 6,5 polegadas utilizado na Série 800 Diamond. A excepcional amplificação digital residente em cada uma das caixas produz 125W RMS de potência, ou seja, 125W x 2, o que é mais do que suficiente para preencher um ambiente de médio para grande porte com um som de irretocável qualidade.



Formation Wedge

Enquanto o Formation Duo é o mais adequado para instalação no ambiente principal de uma residência, o Formation Wedge é a solução ideal para levar música com uma qualidade de reprodução líder em sua classe para um ou mais ambientes de uma casa. Seu luxuoso gabinete apresenta um design simplesmente surpreendente, onde se destaca sua frontal formando um ângulo de 120° onde estão localizados cinco alto-falantes para a criação de um amplo palco sonoro. São dois tweeters com duplo domo, dois midranges FST e um subwoofer de seis polegadas alimentados por uma potente amplificação digital de 2 x 40W para os tweeters, 2 x 40W para os midranges e 80W para o subwoofer.



Formation Bar

A Formation Bar foi especialmente desenvolvida pela Bowers & Wilkins para não só atender ao público que deseja ter uma plena e envolvente experiência de home theater com decodificação Dolby Digital sem o uso de várias caixas acústicas, mas que também exige uma audição de músicas com uma superior fidelidade de áudio, algo que a maioria das soundbars está longe de conseguir oferecer. Além disso, ela proporciona a capacidade de ser integrada sem fio a um

sistema de áudio multiroom formado por outros integrantes da linha Formation e receber streamings de áudio de todas as tecnologias e serviços citados acima.

A surpreendente performance da Formation Soundbar resulta do uso de nada menos que nove alto-falantes especialmente projetados pela Bowers & Wilkins e da sua excelente eletrônica digital. Esses nove alto-falantes foram criteriosamente posicionados no seu

moderno e elegante gabinete de forma a projetar um grande ângulo de dispersão para uma reprodução com um elevado grau envolvimento para todos os ouvintes. São três tweeters de duplo domo e seis midrange/woofers com cone de fibra de vidro tecida acionados por quatro amplificadores digitais de 40W RMS.



Formation Sub

O Formation Sub foi projetado para proporcionar ao sistema Formation Duo, ao Formation Wedge e à Formation Bar uma sólida, precisa e potente base de graves profundos, complementando a partir de 20Hz a já extraordinariamente competente reprodução de graves desses produtos. Para isso, ele conta com dois woofers de 6,5 polegadas de grande excursão colocados em oposição no interior do seu belo gabinete para reduzir ao mínimo qualquer vestígio de distorção e com um poderoso amplificador Classe D de 250W RMS de potência.



Formation Audio

O Formation Audio é um módulo pré-amplificador que traz todos os benefícios de uma instalação wireless multiroom para um sistema de áudio hi-fi ou de home theater já existente, ou seja, permite a transmissão do áudio de um toca-discos de vinil (mediante o uso de um pré de fono), CD player ou Blu-ray player para caixas acústicas Formation instaladas em outros ambientes. Isso pode se estender até para o som de outras fontes, como de um decodificador da Net, da Sky ou de um Apple TV durante a apresentação de filmes, séries e shows musicais, por exemplo. No caso das fontes analógicas, para preservar sua qualidade de áudio a Bowers & Wilkins colocou no Formation Audio um excelente conversor A/D (analógico para digital) de 96kHz/24 bits. Opostamente, ele também possibilita que o sistema de áudio hi-fi ou de home theater receba streamings de áudio de até 96kHz/24 bits a partir de todos os modelos de caixas acústicas Formation instaladas na residência ou recebidos de um smartphone ou tablet via Bluetooth ou AirPlay. ■

Para mais informações:
Som Maior
www.sommaior.com.br



HI-END PELO MUNDO



NOVO CD-PLAYER GRYPHON ETHOS

A dinamarquesa Gryphon, pela ainda viva mídia CD, acaba de lançar o CD-Player modelo Ethos, que é um aparelho desenvolvido para a melhor reprodução dos CDs de música, mas traz todas as conexões externas para operar como DAC, para converter arquivos e streaming com definições PCM de até 32-bit/384kHz e também DSD512. A arquitetura de circuito do Ethos é dual-mono e totalmente balanceada, com dois clocks de cristal independentes para a máxima redução de jitter. Com estágio de saída classe A, o preço do CD-Player Ethos da Gryphon é de 28.800 Euros, na Europa. ■

www.gryphon-audio.dk

DISPOSITIVO ANTI-RESSONANTE NORDOST QPOINT

A célebre empresa americana fabricante de cabos Nordost acaba de lançar o dispositivo anti-ressonante QPOINT Resonance Synchronizer, que trabalha de forma ativa - ligado à uma fonte de alimentação de 5 Volts - por, segundo o fabricante, emitir um campo que manipula as ressonâncias eletromecânicas de tudo que está próximo para que ressonem em uníssono. O dispositivo QPOINT Resonance Synchronizer da Nordost tem um preço sugerido de US\$749,99, nos EUA. ■

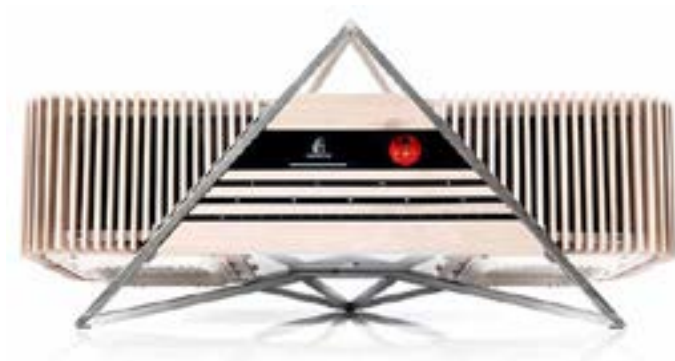
www.nordost.com



AMPLIFICADOR DE FONES M2TECH MARLEY MKII

A italiana M2Tech, conhecida por sua linha de DACs, está lançando a versão MkII do amplificador de fones de ouvido Marley, que também funciona como pré de linha. O Marley MkII traz saídas para fones de 6.3mm e também XLR4, saída fixa de linha RCA e saída variável (pré), entradas RCA e XLR, e apresenta circuito balanceado, impedância selecionável, controle tonal (que pode ser anulado), e crossfeed, além de poder receber upgrade de fonte de alimentação. O preço do Marley MkII é de 2.130 Euros, na Europa. ■

www.m2tech.biz



CAIXA WIRELESS BLUETOOTH AURORA DA IFI AUDIO

A britânica iFi Audio, célebre por seus DACs e amplificadores de fones de ouvido portáteis, anunciou a caixa wireless 'portátil' modelo Aurora, que eles chamam de 'all-in-one'. A Aurora, que tem parte da estrutura em bambu e fica suspensa em uma pirâmide de alumínio, tem oito falantes, sendo dois radiadores passivos, e vem equipada com um circuito híbrido classe D com válvulas 6N3P e chip de DAC ESS Sabre. A Aurora traz conexões Wi-Fi, Bluetooth, Toslink, coaxial, USB, Ethernet e 3.5 mm analógica, além de slot para cartões de memória SDHC. O preço da iFi Aurora é de 1.499 Euros, na Europa. ■

www.ifi-audio.com

NOVO FONE DE OUVIDO DA HEDD

A desenvolvedora alemã de monitores para estúdio HEDD - Heinz Electrodynamic Designs - anunciou seu primeiro fone de ouvido, que terá drivers do tipo Air-Motion Transformer. O líder e projetista da HEDD é Klaus Heinz, que trabalhou com Oscar Heil na criação do famoso tweeter tipo Air-Motion Transformer, o qual equipa uma série de caixas acústicas de vários fabricantes célebres, como a Adam Audio - empresa que também foi co-fundada por Klaus Heinz. O preço e data de lançamento do fone da HEDD ainda não foram divulgados. ■

www.hedd.audio



NOVO TOCA-DISCOS SME MODEL 12A

A tradicional empresa britânica de braços de toca-discos de altíssima precisão, acaba de lançar seu mais novo modelo de toca-discos. O Model 12A é um toca-discos belt-drive compacto de alta massa e alta performance, com base de alumínio usinada por CNC e isoladores de polímero. Ele vem equipado com braço SME 309 com fiação interna da Crystal Cable e pode vir, opcionalmente, com braço Series IV ou V. Disponível nas cores preto, azul escuro e cinza escuro, o preço do Model 12A é de £7.949, no Reino Unido. ■

www.sme.co.uk



MÔNICA SALMASO,
CANTORAXX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

Fotos da capa e abertura da entrevista: Marcilio Godoi



Mônica Salmaso

Nascida em São Paulo em 1971, Mônica Salmaso começou sua carreira na peça 'O Concílio do Amor', dirigida por Gabriel Villela em 1989. Em 1997 foi indicada ao Prêmio Sharp como Revelação da MPB. Em 1999 venceu o Segundo Prêmio Visa MPB e o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA). Em 2000 participou de uma das noites do Heineken Concerts e, em 2002, foi citada pelo crítico Jon Pareles do jornal norte-americano The New York Times como um dos principais nomes recentes da música popular brasileira. Com extensa discografia, Mônica Salmaso lançou em 1995 o CD 'Afro-Sambas' em duo com o violonista Paulo Bellinati. Em 1998, seu segundo CD 'Trampolim' teve participações de Naná Vasconcelos, Toninho Ferragutti e Paulo Belli-

nati. Em 1999 sai o CD 'Voadeira', com participações de Marcos Suzano, Benjamim Taubkin, Toninho Ferragutti, Paulo Bellinati e Nailor 'Proveta' Azevedo. De 2004 é o seu quarto CD, 'Iaiá', e de 2007 é o 'Noites de Gala, Samba na Rua', este com o Grupo Pau Brasil - trabalho o qual virou um DVD e um CD ao vivo no ano seguinte. Seu mais recente trabalho, de 2011, é o 'Alma Lírica Brasileira', com Teco Cardoso nos sopros e Nelson Ayres ao piano. Dentre suas várias participações, destaca-se o disco 'Carioca', de Chico Buarque, onde canta a faixa 'Imagina', e do disco 'Tantas Marés', de Edu Lobo, com a faixa 'Primeira Cantiga', além de cantar no filme 'Vinícius', dirigido por Miguel Faria Jr., sobre a vida de Vinícius de Moraes.

***Como começou seu contato e descobrimento da música?
Quando você soube que iria ser musicista?***

Quando eu era criança ouvia muita música na minha casa. Meus pais tinham muitos LPs (de estilos variados e também muita MPB), e eu ouvia bastante estes discos. Também sou de uma geração que escutou aqueles disquinhos coloridos, de histórias infantis, musicados e orquestrados por gente muito boa, com arranjos para orquestra, com cantores bons. Não tenho dúvidas que isso faz diferença na formação do gosto musical das pessoas. Quando eu tinha por volta de seis a sete anos, começaram a acontecer saraus de música na minha casa, com pessoas tocando e cantando. E eu participava. Meu interesse começou assim, mas por não ter nenhum exemplo de profissionais da música, esta possibilidade de profissão não era considerada. Fiz o colegial no Colégio Equipe, que tem grande afinidade na área de humanas e nas artes em geral. Nessa época eu comecei a tocar violão e cantar na escola. Tinha facilidade e muito prazer em fazer isso. Quando saí do colegial e entrei no cursinho para prestar vestibular no fim do ano, minha intenção era fazer jornalismo. Mas a infelicidade que eu sentia no cursinho me fez ir atrás de aulas de canto e de musicalização para ficar mais feliz naquela hora. Ali eu conheci uma profissional de música, minha primeira professora de canto, chamada Regina Machado. Adorei entender que era possível viver de música e que era um ofício. A gente tinha uma imagem muito longínqua de que cantor era só gente famosa da televisão, e eu não fazia nenhuma ideia de como se virava isso. Foi um alívio conhecer uma profissão, de música, mais 'normal'. Dali em diante, decidi que seria cantora.

Fale-nos sobre seus estudos formais e informais de música, de sua formação como artista.

Fiz aulas de canto e de musicalização na escola Espaço Musical com a Regina Machado e o Ricardo Breim. Depois fiz aulas de violão com a Badi Assad (não por muito tempo) e aulas de canto com a Cida Moreira. Fiz o curso de música popular na Faculdade Santa Marcelina. Cantei em bares em São Paulo que tinham música de boa qualidade, aprendi muita música neste período. Comecei a formar grupos e conhecer outros músicos e cantores, fazer parte de projetos, até iniciar o meu 'trilho' próprio, minha carreira de cantora.

As escolas e universidades de música no Brasil deixam o músico bem preparado? O que é mais importante, o aprendizado da escola ou a experiência de vida?

O mais importante para mim é a consciência de saber o que se quer e se busca, e a distância que se está disso. Essa consciência

pode ser aprendida na escola ou fora dela. A escola é uma boa maneira de começar a estudar, conhecendo professores e colegas que também querem aprender, isso motiva e traz conhecimento. Traz o conhecimento técnico que é sempre bom. Mas somente a escola eu acho uma formação pequena, pelo menos para a música popular. É importante, acima de tudo, ouvir muita música; se experimentar tocando/cantando a partir dos exemplos de escuta, buscar referências e formas de decodificação para aquilo que se gosta e que se quer aprender. É preciso se dedicar a isso, enfim, na escola e/ou fora dela.

Vale a pena trabalhar com música de qualidade hoje no Brasil?

Essa pergunta para mim não faz muito sentido. A partir do momento que você conhece um assunto porque se dedica a ele por muitos anos (ouvindo e fazendo), e passa a ter critérios para avaliar um trabalho de boa ou má qualidade, acho que nem é uma questão de escolha fazer o seu melhor. É uma questão de amor pelo que se faz, de consciência e de obrigação. Sinto-me privilegiada por viver daquilo que faço, e me dedico ao máximo para fazer o que faço bem feito. Teria vergonha de produzir uma coisa que não considerasse boa. Provavelmente, se acontecesse esta necessidade, eu arrumaria algum outro tipo de trabalho em outra área que não fosse música.

Como é o seu trânsito entre vários gêneros musicais, desde a música brasileira até o erudito?

Meu conhecimento de música erudita é muito pequeno, ao contrário da música popular, que conheço bem. Mas meu interesse por música é aberto, sem distinções ou limites de território. Para mim, sendo música e boa (a meu ver), eu escuto e trabalho dentro do mesmo ofício, tranquila e amorosamente.

Fale-nos sobre sua relação com a gravação e qual é sua visão sobre essa parte da vida do músico.

Eu adoro estúdio e fazer shows. Mas são coisas diferentes, concentrações diferentes. Gosto das duas. No estúdio eu gosto de estar só concentrada na música, ouvindo confortavelmente os instrumentos e a voz, e mergulhando no prazer de realizá-la. Gosto muito disso e me sinto em casa. No palco, com o público, há uma oferta daquilo que preparamos para ser mostrado, e o público que veio nos ouvir. Isso é também um ato de amor. Demorei para perder o medo de ser vista, sou tímida no palco, ou era... Agora me sinto segura de estar oferecendo o que eu sei fazer, e que preparei com dedicação para mostrar.

ENTREVISTA

23
ANOS
MAG

Quem são seus ídolos musicais e não musicais?

Tenho muitos ídolos musicais. Bobby McFerrin é talvez o maior deles, por todo conhecimento de música e da própria voz que ele tem, e pela forma de fazer música para os outros, para que seja escutada, e não para si. Adoro uma cantora portuguesa chamada Maria João, além de Dorival Caymmi, Chico Buarque, João Bosco (grande artista, compositor, violonista e cantor!), Tom Jobim, Clementina de Jesus, Nana Caymmi... São tantos. Tenho a sorte de fazer uma música que possui referências maravilhosas em todos os tempos e diversos estilos. Meus ídolos não musicais são alguns professores das escolas que me ensinaram a gostar do que faziam.

Como a Mônica Salmaso vê o seu futuro?

Não dá para prever, e sim desejar. Desejo que minha carreira continue crescendo através do meu aprendizado, que mais gente tenha acesso ao meu trabalho e que eu possa continuar trabalhando da maneira como sei fazer melhor. ■



Foto: Dani Gurgel

Mônica Salmaso



Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.



A EVOLUÇÃO MAIS QUE ESPERADA DE UM BEST BUY



A Sunrise Lab tem o prazer de apresentar o V8 MK4, nossa maior obra prima!! Deixemos a palavra com os nossos clientes:

Minha história com o V8 é antiga. Conheci o V8 MKI na casa de um amigo, gostei bastante e acompanhei o crescimento de seu sistema com diversos upgrades em volta. Tempos depois, numa troca recebi um MK II no qual acabei atualizando para MKIII, onde o ganho foi grande em muitos aspectos e valeu cada centavo.

Comprei um toca-discos e levei para o Ulisses regular. Ao buscar e ouvi-lo no seu sistema com caixas do mesmo fabricante que as minhas, casou perfeitamente. Era um caminho sem volta.

Encomendei um! Que sensação falar diretamente com o fabricante, com possibilidade de personalizar, futuros upgrades e principalmente a garantia de reparo, sem qualquer dor de cabeça.

Estou plenamente satisfeito, o resultado foi acima da minha expectativa e elevou muito meu sistema. O MKIV está num outro patamar, se equiparando a importados de valor muito acima.

Agora é curtir e juntar uma graninha para meus futuros cabos, que estão sensacionais! Mais um acerto do Ulisses.

Dario, São Paulo.

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



QUANDO MENOS É MAIS

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Não sei se este fato realmente ocorreu, ou se não passa de uma lenda contada em algum seminário de auto-ajuda para descrever soluções que, de tão óbvias, não as utilizamos.

Conta-se que um grande avião foi montado em um hangar e que, na hora de colocá-lo em teste, a cauda não passava pela abertura do hangar. Desmontar o avião levaria tempo e um custo enorme. Todos os envolvidos no projeto buscaram soluções, como esvaziar os pneus para diminuir altura, quebrar o chão do hangar e cavar para que o avião passasse e nada era viável, devido à urgência do cronograma de testes.

As ideias foram se tornando cada vez mais malucas e todos falavam, e depois um enorme silêncio tomava conta do hangar. Até que o faxineiro, ouvindo toda aquela balbúrdia, parou de varrer, esperou que ficassem em silêncio, levantou a mão, pediu a palavra e falou: “Não seria mais fácil cortar a parte no alto do hangar que impede que a cauda passe?”.

Muitas vezes a solução está na nossa frente, mas como somos ‘treinados’ a usar sempre as ferramentas que julgamos mais

propícias para resolver problemas, esquecemos que a simplicidade pode muitas vezes nos socorrer de maneira eficaz. No áudio, esta máxima de que menos é mais deveria ser levado muito em conta, pois ela nos permite economizar muito dinheiro, acreditem!

Não é de hoje que falo à plenos pulmões que 50% do acerto de um setup de áudio está na elétrica e acústica, e que ao sair com meio caminho resolvido a possibilidade de sucesso é muito mais segura.

Muitos dos nossos leitores, que participaram dos nossos Cursos de Percepção Auditiva que iniciamos em 1999 (com um total de mais de 2000 participantes), certamente compreenderam esta ‘máxima’ de trabalhar a acústica e elétrica, e hoje podem desfrutar o máximo de seus sistemas.

Mas muitos ainda não compreenderam e continuam gastando muito dinheiro no setup de seus equipamentos na esperança de que um novo componente possa fazer o ‘milagre’ de corrigir os defeitos de uma sala não tratada ou de uma elétrica não adequada para um sistema de áudio e vídeo hi-end.

Houve um tempo (enquanto eu estava na Audio News e no começo da nossa revista), em que os círculos audiófilos acreditavam que cabos podiam resolver os problemas de falta de agudo ou excesso de grave nos sistemas. Para os agudos, a solução era usar cabos de prata tanto na caixa acústica como nos cabos de interconexão e, para o excesso de grave, buscar um cabo que fosse 'magro' nos graves!

E acreditem senhores: está é uma prática ainda em vigência em alguns círculos audiófilos.

No nosso Curso de Percepção, sempre mostramos o que ocorre quando você altera o equilíbrio tonal do sistema. Ele passa imediatamente a acusar que algo está errado. E como isso ocorre? Na eliminação cada vez maior de discos que antes você escutava (apesar dos problemas acústicos), mas agora o problema se deslocou para outra região do espectro audível. Trata-se do famoso cobertor de pobre - puxa de um lado e descobre o outro lado.

Vamos a alguns exemplos, para a nova legião de leitores da revista: suponhamos que sua sala tenha um excesso de grave que, além de o deixar gordo e transbordando na sala, tudo nesta região soa como se fosse um grave de uma nota só. E, para agravar a situação, o espaço para as caixas é bastante limitado, o que impede de fazer algumas experiências com a mudança de posição das mesmas.

Aí, este cidadão já no desespero de causa, resolve ouvir aquele 'experiente' audiófilo e recorre à busca de um cabo magro na reprodução dos graves para contornar o problema. Um cabo magro na reprodução do corpo harmônico não altera apenas a primeira oitava do grave - todos os harmônicos acima também serão alterados. E quando temos fundamentais e harmônicos embaixo alterados, o que ocorre na região média, média-alta e agudos? Eles passam a se destacar, tornando as audições cada vez mais fatigantes.

O contrário também é verdade. Quando o sujeito está em um ambiente com muito amortecimento (tapete ou carpete grosso, cortinas pesadas, móveis com muita espuma, etc), e não tem como convencer sua cara-metade de mudar a 'decoração' do ambiente, ele recorre à solução de utilizar cabos de prata pura para resolver o problema. Aí temos o efeito inverso do problema, pois acentuamos as altas mas perdemos corpo dos médios para baixo.

Todas essas experiências já foram tentadas e testadas por todos os audiófilos do planeta, acredite. Pois na hora do desespero, tomamos até injeção na testa. Afinal não gastamos tanto no tão sonhado equipamento de áudio, para termos um resultado tão pífilo!

Só que o homem é um ser estranho, pois ainda que ele esteja ciente da gravidade do problema, ele quer crer que a solução pode estar em uma 'pílula milagrosa'.

A segunda tentativa é talvez a mais bizarra de todos, pois encontra-se nos 'acessórios' milagrosos, capazes de ajeitar qualquer sala com problemas acústicos. Vão de pastilhas para serem colocadas nas paredes, a acessórios anti-vibração que 'secam' apenas aonde é necessário. Levante a mão um audiófilo que nunca gastou seu tempo e dinheiro com algum acessório milagroso! Todos nós já fizemos isso! E basta olhar naquele nosso armário de quinquilharias para ver a quantidade de acessórios que já utilizamos em nossas salas e em nossos setups.

O importante é aprender com os erros, diria meu pai, mas será que realmente aprendemos ou apenas queremos acreditar que aprendemos?

Se você passou por essas duas fases, e tomou a decisão de colocar como prioridade arrumar a parte elétrica e a acústica antes de se aventurar a fazer um novo upgrade em seu sistema, você realmente aprendeu a lição. Agora, se você continuar a achar desculpas para adiar o inadiável, meu amigo, sua busca pela 'pílula mágica' o levará por muito tempo a gastar seu suado dinheiro, sem encontrar a solução.

A maioria das minhas consultorias mostra claramente uma resistência ferrenha das esposas em aceitar um tratamento acústico na sala de estar. Então vou direto ao ponto. Ou o meu cliente define um outro espaço para sua sala de áudio, ou convence sua esposa da necessidade do tratamento. Como a segunda hipótese está praticamente fora de cogitação, na maioria das vezes, a saída é colocar o áudio naquele minúsculo espaço que estava destinado ao quarto das bugigangas ou escritório. E se o cliente não aceitar, a única solução será fazer ajustes na configuração que atenuem os problemas acústicos.

Felizmente os dispositivos acústicos estão ficando mais bonitos e com designs mais atraentes, o que deverá com o tempo diminuir parte da resistência feminina. Mas, quando falamos de problemas nos graves, aí não existe solução de design ainda para armadilhas de graves. O que só pode ser contornado com o uso de uma caixa acústica que não excite o problema acústico da sala.

Já na parte elétrica, jamais tive nenhuma resistência em convencer as esposas. Afinal está tudo escondido em conduítes e tomadas de parede. E o que elas não vêem, não há problema!

Na parte elétrica o custo atualmente é tão baixo e com soluções tão práticas e eficazes, que acredito que nenhum audiófilo que deseje afinar seu sistema adie por muito tempo esta solução. O único problema para a parte elétrica está nos imóveis mais antigos, em que os conduítes não permitem a passagem de novos cabos, ou instalações muito antigas em que é impossível refazer o aterramento ou colocar uma chave seccionadora na caixa de entrada do imóvel. ►

Ainda assim, a chave seccionadora pode ser substituída por fusíveis de melhor qualidade do que aqueles velhos fusíveis de cerâmica de rosquear. Aí alguém levanta a lebre: “E em casa alugada, como faço a instalação elétrica?”. Se for um imóvel novo, o quadro de luz moderno utiliza conduítes maiores, o que possibilita a passagem de um cabo dedicado para o sistema e o uso dos modernos fusíveis dedicados ou até a colocação de uma chave seccionadora (se houver espaço no quadro). Agora, se for um imóvel antigo, e a cara metade não aceitar a passagem externa de um cabo de energia dedicado, a única solução é conviver com todas as limitações acústicas e elétricas do imóvel. E focar na compra da casa própria ou em mudar para um imóvel mais moderno em termos de instalação elétrica.

Um amigo meu viveu esta situação: saiu de um imóvel novo de aluguel para um apartamento maior e muito mais antigo. Seu sistema neste imóvel despencou, pois tanto a acústica como a elétrica eram muito piores. Solução: empacotou parte do sistema, comprou um pré de fone de qualidade e um fone, também de qualidade. Está satisfeito? Claro que não, mas abrir mão de seu hobby ele não abriu! Como diria minha vó: “Se não tem remédio, remediado está”.

Voltando: a parcela de leitores que possuem uma sala que pode ser tratada acusticamente (mesmo que haja alguma restrição da patroa), e que possa receber tratamento elétrico, e não definirem como prioridade esta solução, estarão perdendo tempo e um caminhão de dinheiro! Interessante que, em todas as minhas consultorias, a primeira ligação ou mensagem que recebo após finalizadas essas duas etapas é: “como o sistema subiu de patamar!”. E depois vêm a autocrítica: “como adiei tanto a solução final?”. Pois é!

Tive um professor de filosofia que sempre nos lembrava que a teimosia nos cega!

E quando os problemas acústicos são pontuais e contornáveis, por onde começo? Pelo mais simples: a parte elétrica. Aí você se anima de vez com os resultados e faz a segunda parte da lição de casa com a confiança lá em cima, já com os resultados alcançados com a correção da parte elétrica. Não vou entrar no labirinto do expert de qual a melhor solução elétrica para sistemas hi-end. Minha contribuição se restringe às experiências que fiz nas minhas salas (um antigo apartamento em que vivi por 15 anos, e minhas atuais salas de referência e de home).

Muitos falam em fio rígido e, de quanto maior a bitola melhor, para vir da caixa de entrada até a tomada do sistema. Fiz experiências com diversos fios de bitolas diferentes, geometria, construção, mas sempre de fio de cobre (OFC ou não). E os rígidos e com bitola maior, sempre soaram com transientes mais lentos, agudos mais sujos ou com extensão e decaimento comprometido e graves com muito corpo e com uma tendência a embolarem.

Os cabos de menor bitola, mais flexíveis e de cobre OFC, no Sistema de Referência sempre soaram muito mais equilibrados em todos os quesitos da metodologia. Sei a dificuldade de encontrar um bom fio de cobre OFC flexível e bem construído, mas se vale uma sugestão: este investimento será uma vez só para o resto de sua vida! Então vale a pena, e muito! As opções estão aumentando, e o número de fornecedores também. Estarei testando em breve uma opção de um cabo puro cobre OFC, que me pareceu ter uma enorme relação custo/performance. Irei comparar com o meu Furutech que vai da seccionadora dentro da sala de referência até a tomada (são 8 metros) este cabo custa menos de um terço do valor do Furutech. Se o resultado for promissor, conto para vocês em breve.

Outra polêmica são os fusíveis da chave seccionadora. Se você não quiser investir em fusíveis especiais, utilize os da Siemens de 25A que vêm com a chave também deste fabricante, e invista no melhor cabo de elétrica que seu sistema permitir.

Outra questão sempre levantada pelos nossos novos leitores: “Meu sistema é de entrada - um Ouro provavelmente - ainda assim vale a pena fazer este investimento?”. Sim, meu amigo, pois se você realmente ama ouvir música, não irá parar em seu sistema atual! Como digo: a instalação elétrica dedicada será permanente, o único investimento futuro será em fusíveis, se assim o desejar. Então vale a pena não adiar mais essa lição de casa.

A segunda etapa já é mais complicada, e se formos pedir ajuda para três profissionais gabaritados da área de acústica, teremos provavelmente três soluções distintas! Eu já passei por esta experiência como consumidor, recorri a três profissionais para resolver os problemas na minha antiga sala e cada um apresentou uma solução diferente. Às vezes temos que tentar ao menos compreender aonde está o problema, e se sua sala tiver espaço para mudar as caixas de lugar, sugiro que esta primeira etapa você mesmo tente entender o que ocorre. Agora, se sua sala não permite mudanças, aí será preciso a ajuda de um expert para fazer medições na sala e dar um diagnóstico preciso do problema. O custo dessas medições não é caro, e vale a pena todo investimento, acredite!

Mas vamos à hipótese de uma sala que permite mudanças na posição das caixas. Se o problema são os graves (90% são), coloque uma música que os graves transbordam e são inaudíveis. Coloque esta faixa no ‘repeat’ e comece por movimentar o corpo sentado no ponto de audição e observe se algo muda colocando a cabeça mais para a frente e mais para trás. Se houverem melhoras em alguma posição, ótimo! Marque esta posição e continue o teste. Com a mesma música, distancie as caixas tanto da parede às costas delas, como também da parede lateral. Sente e veja se houveram mudanças e se esta mudança foi mais significativa que a da cadeira. Se foi, continue tentando distanciar ainda mais as caixas das paredes. ►

Definido o novo ponto das caixas, agora ande pela sala, observe em que locais os graves ficam ainda mais reforçados e locais que ficam mais atenuados. Nos pontos em que os graves ficam mais atenuados: poderiam as caixas serem colocadas ali? Ou a cadeira de audição poderia ser colocada neste ponto?

Se ambas as respostas forem negativas, volte-se para encontrar os dois pontos em que a inteligibilidade dos graves melhoraram, colocando a cadeira neste novo local e mantendo as caixas também o mais distante das paredes. Sente e ouça novamente esta faixa. As melhorias foram audíveis (mesmo que não tenham sido ainda satisfatórias)? Se foram melhorias, ouça uma dezena de discos que tenham excesso de grave, mas que não eram tão acentuados como no exemplo usado. O que ocorreu? Essas outras gravações melhoraram, os graves ficaram mais controlados? Se a resposta for positiva, talvez você não precise de um tratamento acústico muito invasivo. As soluções podem estar todas a mão.

Os cantos atrás das caixas são sempre um problema. Uma solução que usei por dois anos no meu antigo apartamento, antes de colocar Tubetraps, foi utilizar duas estantes finas e altas com livros e as gavetas recheadas de espuma de travesseiro. Na época eu tinha as Matrix 802 da B&W e, meu amigo, a melhora foi tão incrível que vários amigos meus convenceram suas esposas a colocarem estantes iguais nos cantos das paredes. Acho que o lojista da casa de móveis na Rua Teodoro Sampaio nunca entendeu a razão de ter tanta demanda para aquela singela estante de livros com quatro gavetas, rs.

Agora, isto não representa a solução total, pois em algum momento resolvido ou atenuado o problema nos graves, você irá se animar e irá querer solucionar a pouca profundidade do palco, melhorar o foco, recorte, etc. Aí você não terá escolha, será preciso trabalhar a parede às costas das caixas com difusores acústicos. Aqui, o mercado está repleto de soluções das mais baratas (que podem ser compradas em uma Leroy Merlin da vida) até projetos feitos por especialistas. Os difusores são essenciais e algumas opções, por incrível que pareça, até agradam as esposas (eu disse algumas - não vá se animando muito não).

Agora os agudos. Para saber qual móvel está comendo os agudos, comece por tirar da sala um de cada vez: os móveis como sofás, cadeiras, etc. Deixe apenas uma cadeira de audição. Se os agudos não só aparecerem como quiserem começar a ficar muito proeminentes, bom sinal! A quantidade de elementos de absorção é pequena e poderá ser controlada com pequenos ajustes. Agora, se mesmo com a retirada de todos os sofás e cadeiras, o problema persistir, fatalmente as cortinas, quadros (se houverem) e tapetes podem ser o vilão.

Os agudos não só precisam aparecer, como também trazer com eles a ambiência das salas de gravação. Para notar a ambiência, o ideal são gravações em salas de concerto, com orquestras sinfônicas. Procure gravações em que haja passagens com a orquestra em silêncio e apenas um solista tocando, pois aí fica bem audível o tamanho da sala. Se, com a retirada dos móveis, os agudos aparecem e trazem de carona a ambiência, a solução também é simples. Mas, se além dos móveis, precisar retirar, tapetes e cortinas, ou você propõe uma redecorada em toda a sala para a sua esposa (que não vai custar barato), ou você terá que mudar de espaço - ou se não existir esta opção, é partir para um belo fone de ouvido!

Ainda que este seja seu caso, pense no lado positivo: você irá parar de gastar sua grana com cabos, acessórios milagrosos, ou mesmo trocando todo o setup na esperança de contornar o problema. Pois, definitivamente, terá consciência do que significa o elo mais fraco. E sem sanar o elo mais fraco, nunca seu sistema soará como o esperado. Nunca! Você pode espernear, me xingar, bater a cabeça na parede, que o elo mais fraco continuará lá, como uma sombra, sempre presente e nos lembrando que temos que fazer todo o dever de casa. Agora, quando feito, os benefícios são todos audíveis e muito saudáveis para o seu bolso. Pois muitas vezes nosso sistema atual estava apenas com o freio de mão puxado. E desfazer este nó se traduz em um audiófilo feliz e realizado!

Aprender com o erro dos outros nos permite pular muitas etapas.

Se este artigo conseguir convencer você da importância de ir diretamente aos 50% que impedem de extraírmos o melhor de nossos sistemas, me darei por satisfeito. Pois desde 1999 que venho alertando de que não adianta investir todo nosso tempo e dinheiro no sistema e não preparar corretamente a sala de audição para receber este setup. Confesso que todo este esforço ainda não gerou o resultado que eu imaginava que iria ocorrer.

Mas, como sou um otimista incorrigível, continuarei tentando. ■





SAMSUNG REVELA O LADO TÉCNICO DOS DIFERENCIAIS DAS QLED 8K E 4K 2019 EM EVENTO EM SP

XX Jean Rothman
revista@clubedoaudio.com.br

Responsáveis da Coreia visitam o Brasil para demonstrações de performance do novo portfólio da marca e provam exclusividades dos novos modelos.

Passados quase dois meses do lançamento da sua nova linha de televisores 2019, no último dia 02 de abril, e considerando o enorme interesse dos consumidores na tecnologia, a Samsung trouxe diretamente da matriz na Coreia alguns dos responsáveis técnicos encarregados das soluções e exclusividades da sua categoria de QLED 2019. Entre eles estava Simon Lee, Engenheiro Chefe do Laboratório de Inovação em Qualidade de Imagem da empresa. Os executivos demonstraram as mais recentes inovações tecnológicas para a imprensa da América Latina, em seu Technical Summit realizado nos dias 30 e 31 de maio.

A TV QLED Q900, a primeira TV em 8K lançada no Brasil e premiada com o Innovation Award da CES 2019, é capaz de exibir imagens nativas em 8K com incrível noção de profundidade, contornos nítidos e texturas altamente detalhadas. Além disso, a Q900 vem com o processador Quantum proprietário da Samsung, a tecnologia de semicondutores para processamento de imagem com inteligência artificial. O Quantum Processor 8K da Samsung faz automaticamente o upscaling de conteúdo de qualquer fonte com resolução menor para um formato de vídeo próximo ao 8K. Desta maneira, seus conteúdos do dia a dia, como programas de TV aberta e/ou paga, ou mesmo séries e filmes de aplicativos embarcados, trarão uma nova realidade de entretenimento. ►

O processador Quantum, pioneiro do setor, utiliza a tecnologia de IA para analisar milhões de imagens, podendo ajustar fontes de baixa resolução e otimizar essas imagens para a qualidade próxima ao 8K, independente do formato original. A conversão de qualidade de imagem com IA para 8K da Samsung oferece precisão e eficiência, realizando o processo de forma autônoma. Esses avanços na qualidade da imagem ficam mais evidentes em TVs de tela maiores, nas quais resoluções e nitidez mais altas podem ser exibidas adequadamente.

Dentre os recursos inteligentes que equipam a linha de QLEDs deste ano, estão um novo aplicativo da Apple TV e o Apple AirPlay 2. Com integração total desses recursos à plataforma de Smart TV da Samsung, os usuários podem simplesmente selecionar o ícone do aplicativo da Apple TV para acessar todos os seus filmes do iTunes e programas de TV adquiridos, sem necessidade de adquirir o hardware da Apple separadamente. Com as Smart TVs Samsung compatíveis com o AirPlay 2, os consumidores podem facilmente reproduzir vídeos e outros conteúdos de seu iPhone, iPad ou Mac diretamente na TV.

Além dos recursos inteligentes, temos o Modo Ambiente, para que a TV possa se adaptar à casa do consumidor e fazer parte da decoração. A TV parecerá uma bela moldura de vidro, combinando com a parede. E você pode até mesmo usar suas próprias imagens. Não haverá mais bagunça de cabos na sua sala de estar: uma conexão praticamente invisível junta todos os cabos, para sua TV ter um design sem fios aparentes.

As TVs vêm com um Controle Remoto Único, de modo que você não precisa usar muitos controles, para controlar conversores de TV a cabo, aparelhos de Blu-ray e controles de jogo. Ele pode controlar tudo.

Juntamente com vários upgrades de qualidade de imagem em 2019, a adoção de modelos com Direct Full Array quase dobrou em relação ao ano passado. A tecnologia Direct Full Array privilegia o contraste nas telas, controlando os LEDs atrás do painel, e ajustando o brilho precisamente, tudo cena a cena, criando pretos mais profundos. Algoritmos que reconhecem e ajustam as cores analisam com mais precisão as características de cada cena, em tempo real, para controlar a distribuição do brilho, as intensidades de preto e a luz de fundo.

Alguns dos recursos e inovações demonstrados por Lee e seu time de especialistas foram: Upscaling para 8K baseado em Inteligência Artificial; Light Concentration, recurso que evita vazamentos de luz e aumenta o ângulo de visão das telas; Real Game Enhancer, recurso que clareia partes mais escuras dos games; Space Adaptive Sound, recurso que ajusta o áudio conforme a acústica e condições do ambiente captadas pelo microfone do controle remoto.

Também demonstraram o incrível nível de detalhamento das TVs 8K comparadas com as atuais 4K. Nunca imaginei que poderia olhar uma imagem 4K e achar “embaçada”. Mas é a sensação que temos ao compararmos a imagem lado a lado com um TV 8K.

E finalmente apresentaram, dentro de um quarto totalmente escuro, o enorme avanço nos níveis de preto.

Parabéns à equipe Samsung que conseguiu apresentar seus diferenciais de maneira tão didática aos jornalistas e mídia especializada. ■



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi experience
www.hifiexperience.com.br



DICAS DE CONEXÕES ELÉTRICAS PARA ÁUDIO E VÍDEO HIGH END

XX Juan Lourenço
revista@clubedoaudio.com.br

Olá amigas e amigos leitores da Revista Audio e Vídeo Magazine, nesta edição gostaríamos de falar um pouco sobre a elétrica dedicada ao áudio e vídeo de alta qualidade, apresentando-lhes um guia para que, junto ao seu eletricitista de confiança possam realizar uma instalação elétrica dedicada de qualidade e minimamente correta do ponto de vista da audiofilia, quais os cuidados ele o profissional deve tomar quanto a junções e emendas, além dos dispositivos de proteção que são comumente utilizados numa elétrica dedicada. Com este guia, você poderá ter um “Norte” e assim orientar e avaliar melhor as ações da empresa ou do eletricitista que fará o serviço em sua residência, não mais ficando a mercê da dúvida, se o profissional fez ou não um bom serviço, do ponto de vista o áudio, claro.

Como tudo neste hobby envolve cuidado, dedicação e prazer no processo de execução, na elétrica não poderia ser diferente. Minha

proposta é que, com este guia você possa participar deste processo de instalação, como se fosse um trabalho a quatro mãos e assim acrescentar mais conhecimento e experiência.

Não sou engenheiro elétrico muito menos o dono da verdade, no máximo tenho curso de eletricitista, NR 10 e ABNT em dia e revisadas, por isto que irei me ater às questões práticas da elétrica, aquelas que deram certo para mim e que foram utilizadas no sistema de referência da CAVI, portanto deu muito certo, caso contrário minha cabeça já teria rolado (risos).

Muito já foi falado sobre este tema, e a única coisa que é consenso dentre todos os amantes deste hobby, é que sim, a elétrica dedicada melhora muito o resultado final tanto no áudio quanto no vídeo. Dito isto, vamos ao que não é consenso e, em áudio e vídeo, significa que quase tudo na alta fidelidade tem seu equivalente místico, sem ►

explicação até o memento ou como alguns preferem simplesmente aceitar que estão nos domínios da física quântica.

Eu não sou gabaritado para falar de tais fenômenos quânticos ou místicos, muito menos para tentar explicar o porquê que ocorrem, o que eu sei é que muitas descobertas são frutos de observações e, muitos fenômenos são percebidos somente após uma audição ou exibição de vídeo. Alguns são confirmados em bancada de laboratório, outros ainda não. O fato é que, tais aperfeiçoamentos na elétrica, possuem resultados imediatos tanto para melhor quanto para pior e neste quesito o céu é o limite. Você pode literalmente destruir a sonoridade do teu sistema, bem como pode deixá-lo, super afinado, e com isto ganhar alguns pontos extras em alguns quesitos da metodologia, senão em todos!

Muitas destas experimentações que deram certo na elétrica nasceram na indústria de cabos de áudio de interconexão e de força, após a constatação dos efeitos benéficos, foram experimentados na elétrica com o mesmo sucesso. Considero a indústria de cabos audiófilos a força motriz que permite o avanço nos aparelhos de áudio. Sempre que os cabos sobem e permitem expandir os limites dos aparelhos expondo suas limitações, os projetistas são inspirados a um novo desafio. Então lhes pergunto: porque seria diferente com a elétrica, não é mesmo? Oras... Se o cabeamento do sistema permite mostrar gargalos, ou até eliminá-los, porque que a elétrica não poderia ser o antídoto para muitos dos problemas em nosso sistema? Assim como os cabos de interconexão e de caixa evoluem, a elétrica precisa ser aprimorada de tempos em tempos.

As conexões elétricas para áudio não fogem às normas e recomendações contidas na lei brasileira, ou pelo menos não deveria, portanto se alguém lhe indicou em algum momento passar os cabos diretamente do medidor da concessionária, livre de qualquer sistema de proteção, aconselho fortemente que reveja estes procedimentos. Não é preciso, e se tem algum ganho, é miseravelmente desprezível perto do risco do sistema e da residência pegarem fogo, além do mais, é possível recuperar esta possível perda com outras ações que falarei mais a frente no texto.

O que muda de uma instalação elétrica padrão, para uma otimizada para o áudio são pequenos macetes que garantem uma maior fluidez na condutividade elétrica e com isto, o ganho em harmônicos responsáveis pela naturalidade, correção de timbre, palco sonoro e etc. são infinitamente maiores que numa elétrica padrão.

Para começar, vamos falar dos elos numa elétrica, sabemos que os elos na cadeia de ligações dos contatos elétricos seguem a mesma lógica do cabeamento de interconexão: quanto menor for o número de pontos de interrupções (emendas) melhor será para a reprodução sonora. Menos interrupção permite ao cabo levar o

sinal até o seu destino final com suas características intactas. É importante que o cabo que irá ligar as tomadas dedicadas do sistema, tenha o mínimo de interrupção possível, isto significa que ele deve ser um cabo inteiro sem emendas ou cortes, do ponto A ao ponto B, da chave seccionadora ou porta fusível até o banco de tomadas do sistema, assim evita-se a “sujeira” de toda a rede causada pelos eletrodomésticos. Lembra quando estávamos assistindo TV e alguém ligava o liquidificador e borrava toda a imagem da TV? É desta sujeira que estamos falando, todos os eletroeletrônicos sujam o sistema de estéreo ou de vídeo de alta qualidade. O que queremos é atenuar esta interferência ao máximo.

Para esta ligação aconselhamos o uso de duas opções de proteção que têm se mostrado ótimas para o uso em áudio e vídeo. São elas: Seccionadora Siemens para fusíveis NH-00 e o porta fusíveis 10,3 x 38 mm da ABB para trilhos DIN (o mesmo esquema de engate dos disjuntores comuns), sendo este último o mais cômodo para instalações, pois permite a instalação em quadros elétrico comuns. Já a seccionadora Siemens tem porte avantajado, sendo impossível sua instalação em quadros pequenos e em residências mais antigas. A qualidade é a mesma, os dois utilizam cobre eletrolítico com até 3N de pureza revestidos com banho de prata. Este porta fusível ABB foi dica do amigo Felipe Rolim, eu sequer sabia que existiam este tipo de porta fusível quanto mais que seria possível comprar aqui no Brasil.

Numa pesquisa pela internet descobri que na Europa já existe este mesmo modelo de porta fusível voltado para high end, com cobre mais puro, outros banhos como ouro e etc. e tratamento criogênico. Vale a pena uma pesquisa.



Seccionadora Siemens para fusíveis NH-00

MATÉRIA TÉCNICA



Porta fusível ABB para fusíveis 10,3 x 38 mm



CABOS

Dê preferência para cabos elétricos de cobre e de fabricantes renomados para o áudio, como, Furutech, Sunrise Lab, Power Clean ou o popular e bom Prysmian (antigo Pirelli que possui cobre eletrolítico).

Quanto a bitola, é aconselhável ficar entre 4 e 6 mm² total de sessão por pólo. Não tem a ver com a capacidade de carga e sim com a qualidade sônica, o equilíbrio entre a gama de harmônicos que transitará pelo cabo é mais equilibrada dentro desta faixa. Se observar os cabos elétricos indicados, todos ficam na casa dos 4 até 5,5 mm² de sessão total.

Para as pontas dos cabos, aconselho não utilizar terminais elétricos do tipo ilhós e ponteiras metálicas, pois o material é de baixíssima qualidade e certamente irá interferir na qualidade da reprodução sonora.



Terminais elétricos

Por que não um cabo com prata ou com ouro ou com qualquer outro material? Simples, a elétrica é para ser neutra, ela não tem que “apimentar” o sistema, você pode até achar que num primeiro momento, um cabo turbinado com prata ou ouro te dará agudos mais proeminentes, mais profundidade ou algo assim, mas à medida que for subindo o sistema, trocando cabos de força IC etc. e equipamentos, as características sônicas do cabo da elétrica irão se sobressair te levando a falsas conclusões sobre determinados produtos em teste no seu sistema, e se o produto for correto, ficará evidente que algo no set está errado, o difícil será lembrar que é o cabo de elétrica, até lembrar disto, todos os cabos e aparelhos do sistema levarão a culpa. Algumas pessoas ficam anos culpando o sistema inteiro trocando tudo e não se dão conta que é a elétrica o problema.

JUNÇÕES E EMENDAS

Algumas vezes é impossível não fazer emendas, principalmente quando se trata de apetrechos que melhoram a elétrica, como é o caso do Zero Loop da Magis Audio e do Deep Line da Sunrise Lab. Para estes casos existem dezenas de maneiras de realizar a emenda. Algumas geram ruído ou loop na rede, outras são mais inertes e por tanto, melhores para ajudar a potencializar o efeito benéfico do gadget a ser utilizado.

Existe N maneiras de se fazer emenda, desde apenas enrolar o fio sobre o outro, até soldar e passar fita isolante.

Eu até gostava da solda, porém a NBR-5410 nos diz o seguinte:

6.2.8 Conexões

6.2.8.1 As conexões de condutores entre si e com outros componentes da instalação devem garantir continuidade elétrica durável, adequada suportabilidade mecânica e adequada proteção mecânica.

6.2.8.2 Na seleção dos meios de conexão devem ser considerados:

- a) o material dos condutores, incluindo sua isolação;
- b) a quantidade de fios e formato dos condutores;

- c) a seção dos condutores;
- d) o número de condutores a serem conectados conjuntamente.

NOTA: É aconselhável evitar o uso de conexões soldadas em circuitos de energia. Se tais conexões forem utilizadas, elas devem ter resistência à fluência e a solicitações mecânicas compatível com a aplicação.

É uma RECOMENDAÇÃO e não uma proibição, por tanto, pode ser utilizada sem maiores consequências legais, por outro lado devemos olhar para as fraturas por fluência, que são especialmente preocupantes acima dos 0,7 Tf. Onde, Tf é a temperatura absoluta (em kelvin) de fusão. No caso das soltas da liga estanho-chumbo está em 183°C (456K).

$0,7 \times 456K = 319,2K$ (46,2°C). O limite de trabalho para os cabos de PVC são 70°C, ou seja, acima dos 47°C a solda não pode garantir resistência às possíveis solicitações mecânicas e pode ocorrer fratura por fluência e com isto ocorrer micro interrupções elétricas que em geral não são suficientes para desligar o aparelho, mas podem degradar o resultado sonoro.

Muitas pessoas utilizam prensa cabos, ou rosqueador do tipo copinho que são vendidos aos montes, por aí. Eu prefiro utilizar três métodos bastante eficazes para as junções, são eles:

Crimpagem de cabo seja por meio de crimpador do tipo alicate de pressão em que, após a crimpagem é preciso isolar com fita isolante de auto fusão (evite a fita isolante comum); com luvas de emendas revestidas de termoplástico não condutor que, aliás, é o método mais cômodo de todos, ou utilizar a famosa Sindal. “Ah, mas você está sugerindo que o meu cabo de centenas de reais seja emendado com uma sindal de latão? Sim e não. Se você fizer uma boa junção dos cabos, sobrepondo-os, não deixando o material da luva ou sindal ser o ponto de contato elétrico entre os dois fios, você não terá qualquer degradação do som, pois os elétrons sempre procuram o caminho de menor resistência, trocando em miúdos, não passarão pelo material prensador, e sim pelo cobre dos condutores. Mais a baixo irei descrever como fazer.



Sindal



Luva de emenda de compressão



Alicate crimpador e luvas de crimpar

Aqui está um segredinho que sempre faço para realizar uma boa emenda, afinal somos audiófilos, por tanto cheios de neuras e melindres (risos), preciosismo é o nosso nome do meio.

O ideal é que fiquem mais ou menos como nesta foto a seguir:



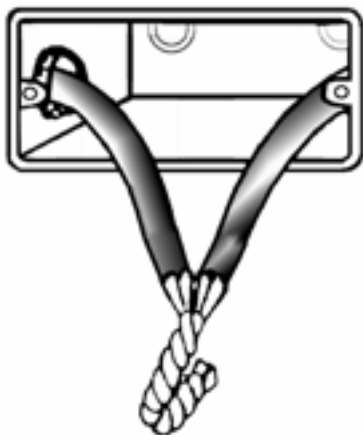
Errado



Correto

MATÉRIA TÉCNICA

Não coloque os fios em paralelo para crimpar, é bom que fiquem sobrepostos para que os elétrons fluam de maneira harmoniosa sem “trancos de ter de seguir uma direção e de repente procurar caminho em outra direção oposta, como na foto abaixo.



Passe a luva em um dos fios e o descascador ou estilete, desencape os fios a serem emendados, em seguida desponte os fios de maneira que fiquem com os fios bem abertos, em seguida entrelace os fios e gire-os uma ponta no sentido horário outra no anti-horário como na sequência de fotos.

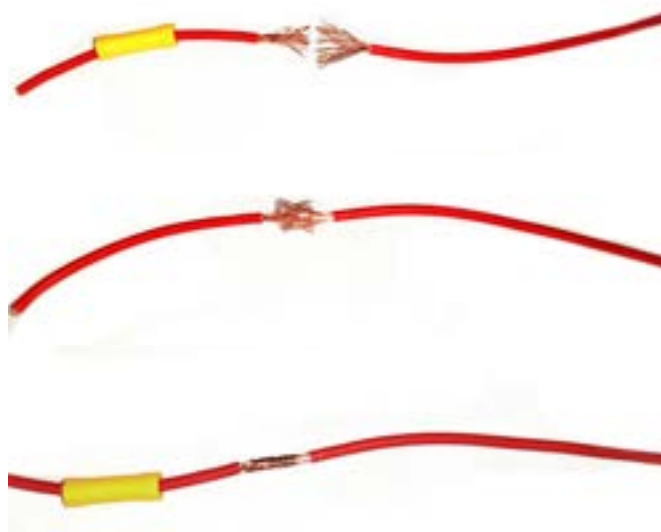
COMO EU CRIMPO CABOS ELÉTRICOS

Apreendi com o Ulisses da Sunrise como unir os fios elétricos de uma maneira bastante simples e intuitiva.

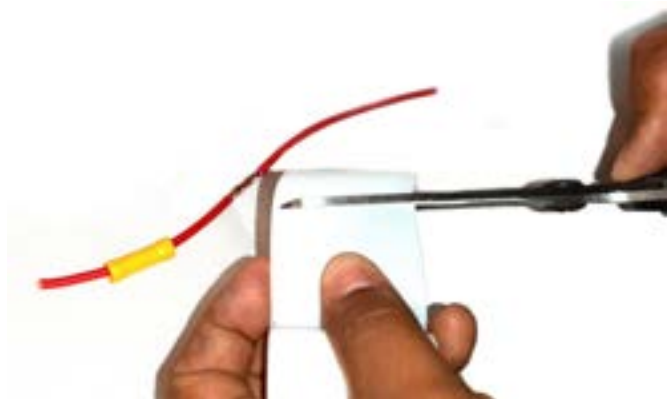
Primeiro é preciso separar os materiais que serão utilizados para fazer a emenda.

São eles: descascador de fio ou estilete, tesoura, fita de auto fusão e fita isolante comum (para acabamento), pedaço de teflon em folha (vendido em casas de borracha ou pela internet), fita adesiva do tipo durex, alicate para elétrica e a luva de emenda para fios de 6 mm².

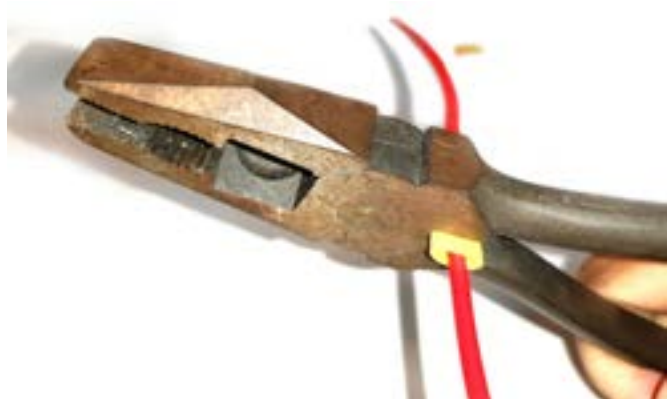
Passe a luva em um dos fios e o descascador ou estilete, desencape os fios a serem emendados, em seguida desponte os fios de maneira que fiquem com os fios bem abertos, em seguida entrelace os fios e gire-os uma ponta no sentido horário outra no anti-horário como na sequência de fotos.



Em seguida, corte um pedaço de teflon suficiente para cobrir toda a parte desencapada do fio, após medir tudo direitinho, enrole o teflon e com a fita durex faça o fechamento do teflon no cabo desencapado. Neste momento é preciso um pouco de paciência e perseverança, a passagem da luva é pequena, e o teflon não ajuda a encaixar a luva por cima, com calma irá conseguir!



Após finalmente passar a luva por cima do teflon, pegue o alicate e prenda a luva contra o cabo, passe a fita de auto fusão para evitar contaminação do ar e impurezas, em seguida, dê acabamento com um pequeno pedaço de fita isolante, que serve apenas para manter a fita de auto fusão no lugar até a completa reação química da mesma.



Pronto! Finalizado, ufa!

Nota: O alicate utilizado serve apenas para pressionar a luva, não utilizamos alicate sem proteção para serviços elétricos.

ATERRAMENTO

O aterramento eu prefiro o modelo T T Este esquema possui um ponto da alimentação diretamente aterrado, estando as massas da instalação ligadas a um eletrodo de aterramento eletricamente distinto do eletrodo de aterramento da fonte, ou seja, os equipamentos são aterrados com uma haste própria, diferente da usada para o neutro.

Neste caso, costumo utilizar pelo menos duas hastes, uma para o digital e outra para o analógico mantendo-os separados. O porquê é simples, com duas hastes separadas, o digital não “suja” o sinal do analógico e vice-versa. Se for utilizar o sistema de vídeo juntamente com o estéreo, sugiro se possível, uma terceira haste para o projetor e periféricos.

Bem... É isto, espero que gostem e que possam experimentar estas dicas e possam me falar de suas impressões.

Forte abraço!



RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229
Mark Levinson N°585 - 93 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.221
Sunrise Lab V8 MK4 - 92,5 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.234

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Audio Research Ref 6 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.243
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232
Mark Levinson N°526 - 98 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.228

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed. 251
Hegel H30 - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.210
D'Agostino Momentum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.185

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Gold Note PH-10 - 93 pontos (Estado da Arte) - Living Stereo - Ed.249
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Tom Evans The Groove 20th Anniversary - 91 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.185

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.252
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.250
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Mark Levinson N°519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed. 226

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189
Transrotor Apollon - 95 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.167

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Video - Ed.196
Cápsula MC Murasakino Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212
Benz LP-S - 97 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.174

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198
Dynaudio Evidence Platinum - 99 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.193
Revel Ultima Salon 2 - 98,5 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.229

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228
Nordost TYR 2 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.250

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul - Ed.251
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244
van den Hul CNT - 100 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.211
Nordost TYR 2 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.250



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.

TESTE
1
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XZZULNXXVLO](https://www.youtube.com/watch?v=XZZULNXXVLO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CDQCLOVKU-I](https://www.youtube.com/watch?v=CDQCLOVKU-I)



SISTEMA DIGITAL MSB SELECT DAC



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Muitas vezes achamos que receber um produto de alto nível será uma das experiências mais prazerosas que um articulista pode desejar. Mas, o que ocorre se o produto em questão reposiciona todo seu padrão de referência que você tinha até aquele momento? Como enquadrar esta experiência sensorial auditiva dentro dos parâmetros de escrita utilizados mensalmente para descrever aos nossos leitores o que observamos? Felizmente, esses produtos são raríssimos, pois do contrário faltariam palavras e adjetivos muito rapidamente.

Não é fácil sair da zona de conforto e ser arremessado à uma situação que exige um reposicionamento e uma releitura de todos os signos e fórmulas utilizados para se comunicar. E nem mesmo uma metodologia consistente lhe traz segurança, ou serve de base para descrever com precisão as observações e sensações que aquele determinado produto proporcionou.

Diz um ditado popular que “Deus dá o frio conforme o cobertor”. Se for fato, oxalá esses meus 30 anos de articulista ajudem a tentar, nas próximas linhas, descrever o que o MSB Select tem de tão diferente em relação a todos os DACs por nós testados nos 23 anos da revista.

Eu tive, no início do século, um DAC da MSB que me serviu por três anos, em substituição ao meu velho Pink Triangle, que foi minha referência digital por quase uma década. Voltar no tempo fatalmente impele a lembrar o quanto o digital no final do século passado e início deste século ainda era torto! Sei que isso fere a todos que abraçaram o Compact Disc desde seu lançamento, mas desculpem-me os que assim pensam. pois o CD-Player nasceu torto e permaneceu torto por quase duas décadas e meia. E bastava um comparativo honesto e bem feito com um setup analógico para se mostrar todos os problemas que o CD carregava no seu âmago! ▶



Corpo pequeno de todos os instrumentos, agudos incorretos, duros e com baixíssima extensão, naipes que pareciam ser constituídos de apenas dois instrumentos e graves que soavam sempre idênticos. Aqui estou falando dos primórdios, nos anos 80.

Nos anos 90, finalmente, os fabricantes de equipamentos hi-end se deram conta dos inúmeros problemas, e várias frentes foram abertas na tentativa de correção, afinal o estrago já estava feito e os discos de vinil, haviam evaporados das lojas de discos.

Na virada do século vieram os primeiros acertos, com timbres mais naturais, naipes de melhor corpo e graves com maior precisão, velocidade e corpo. Muitos fabricantes se destacaram neste esforço coletivo e citar a lista de contribuições se estenderia por mais de uma página, então não irei perder tempo com esta lista, pois posso deixar alguma empresa fora dela, o que seria deselegante. Mas estes fabricantes que conseguiram avanços consistentes são os que hoje ainda permanecem no mercado e se destacam ou no pelotão da frente ou no que vem logo abaixo.

Agora que praticamente estamos no final da segunda década do século XXI, vivemos mais um momento de transição entre a mídia física (CD e SACD) para a mídia virtual e, novamente, nos debatemos em que situação extraímos o melhor do que ouvimos. Interessante

que o debate sempre foca no atual versus o novo. E, como sempre tendemos a achar que o novo sempre será melhor que o atual. Mesmo que no hi-end esta aposta se mostre sempre muito duvidosa. Já escrevi a respeito desta questão (streamer versus mídia física) na seção Opinião no mês passado, e volto aqui ao assunto.

O Streamer não levará duas décadas para se ajustar e atingir o nível que a mídia física atingiu - acho que no máximo em cinco anos estará substituindo com louvor a mídia física. Mas no momento a diferença ainda é grande e audível.

Antes que o querido amigo Christian Pruks berre, lá de Campos do Jordão, comigo, devo dizer que estamos falando de uma comparação entre mídia física versus streaming em um setup Estado da Arte.

Pois em setups Diamante (dentro de nossa metodologia) o streamer já bate tranquilamente a mídia física em termos de performance, além da praticidade.

E quando comparamos as duas mídias em equipamentos como os dCS Scarlatti, Rossini e Vivaldi, ou este MSB Select, as diferenças ficam tão evidentes que abrir mão de suas CDtecas para ter tudo nas nuvens, é como comprar uma Ferrari para andar em ruas de paralelepípedo!



Murasakino
Musique Analogue

Cápsula MC Sumile
"Um conforto exuberante"



TD 203



3XL

ESTADO
DA ARTE



VA-ONE

THORENS®

**DeVORE
FIDELITY**

QUAD
the closest approach to the original sound

ACROLINK®

**FLUX
HIFI**

JELCO
MADE IN JAPAN



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br



Nos últimos quatro meses tive a oportunidade de fazer este teste nestes quatro modelos aqui citados, e ainda que o Select e o Vivaldi sejam de um outro universo paralelo, o Scarlatti e o Rossini mostram com todas as letras as limitações do Streaming.

Vamos a elas: um palco sempre menor e nunca com a mesma sensação 3D. Corpo dos instrumentos sempre menores que na mídia física, transientes com menor precisão cirúrgica, naipes que parecem sempre terem menos instrumentos e um silêncio de fundo que torna a reprodução sempre mais para o analítico que o musical, sempre!

Para o teste, comparamos dois CDs de cada um dos quesitos da metodologia, e em nenhum o streaming sequer (nesses quatro setups) chegou perto. Mas então a pergunta que se faz é: como não percebemos essas limitações e nos empolgamos tanto com o streamer?

Tudo é uma questão de ter Referência: se não temos algo mais preciso e correto para comparar, nos acostumamos rapidamente com o que parece correto. E, claro, o apelo mais sedutor de todos: praticidade. Ter tudo à mão na tela do tablet à um toque, depois de um dia estressante, é uma vantagem e tanto. A forma com que se vendeu o CD-Player também foi semelhante: nada de ter que levantar 4 vezes para ouvir a Nona Sinfonia de Beethoven! Tudo à mão a um simples toque! Os futuristas de plantão já cantam vitória nos dizendo que a mídia física está com seus dias contados!

E os realistas como eu, sabem que não será assim. O CD-Player, assim como o vinil, permanecerá por muitos anos, mas será um nicho específico, como é hoje o vinil. Então, meus amigos, haverá fabricantes de CD-Players e transportes por pelo menos mais duas décadas, podem apostar!

E haverá fabricantes como Meridian, dCS, MSB, CH Precision, Soultion, Nagra, Audio Research e mais três dúzias de fabricantes de hi-end que disponibilizarão produtos para os que não abandonaram mídia física.

Para o teste do Select DAC da MSB, disponibilizamos de apenas três semanas, pois o produto nos foi gentilmente cedido pelo feliz leitor que, gentilmente, nos emprestou por este período, já que ele estaria viajando a negócios nessas três semanas. E, claro, graças à ajuda do Fábio Storelli da German Audio, que se deslocou dos Estados Unidos (onde ele mora atualmente), para instalar e dar todo o apoio técnico e logístico para o teste.

Ainda que o tempo tenha sido suficiente, tenho que expor minha opinião de que não considere o teste feito de uma maneira completa. Já que o leitor que adquiriu essa oitava maravilha só comprou, no momento, o DAC com o clock e a fonte. Deixando provavelmente o Transporte e a fonte separada do Transporte para outro momento.

Então, o teste foi feito com o transporte Scarlatti da dCS acoplado ao clock da MSB. Os cabos digitais foram o AES/EBU Reference XL da Transparent, assim como o cabo de clock entre o Scarlatti e o MSB. Cabos de força, todos Transparent PowerLink MM2, e cabo de interconexão do DAC para o nosso pré de linha, Sax Soul Ágata 2 e Transparent Opus G5. Todo o resto do sistema foi nosso setup de referência.

O Select é o DAC top de linha da MSB, e é completo. Ele é constituído de três fontes de alimentação, DAC/Clock e Transporte. O usuário pode optar por comprar apenas o Clock, sem pré-amplificação, com uma fonte apenas, três versões de clock, e escolha de entradas e saídas de acordo com sua necessidade. O incrível é que a substituição de módulos ou qualquer upgrade podem ser feito pelo próprio ►



usuário! Já que não precisa abrir o equipamento: tudo é feito pelas costas do DAC, em módulos que se encaixam perfeitamente, e não requer habilidade ou tão pouco experiência.

As peças são todas usinadas em um único bloco e o MSB é de longe o digital mais bonito que já vi em termos de design, sendo uma peça realmente digna do século XXI!

O MSB não faz upsampler, ele toca o sinal nativo e para isso seus engenheiros desenvolveram oito DACs híbridos para a reprodução de PCM e DSD nativo. O display é amplo, com boa visibilidade, mesmo a 10 metros de distância.

O botão que seleciona entrada e volume é colocado na base de cima, na parte frontal, fácil de manusear, e é um dos acionamentos mais suaves que testei. Os detalhes deste Select foram levados ao requinte do perfeccionismo. Para reduzir o nível de ruído, a fonte de energia foi separada uma somente para o DAC e outra para todo o processamento analógico. Esta preocupação se traduz no silêncio de fundo que este DAC proporciona, que descreveremos mais adiante. Por ser totalmente modular, a MSB garante que o Select não será nunca obsoleto, pois os avanços tecnológicos alcançados serão apresentados em novos módulos, possibilitando ao consumidor sempre realizar todos os mais recentes upgrades, por uma fração do preço do equipamento.

Para os amantes de streaming, a MSB desenvolveu o Pro USB, que oferece isolamento elétrico completo. Segundo o fabricante, as especificações são: até 32-bit/768 kHz, decodificação MQA, até 8x DSD e transmissão sem perda até 1KM.

O Pro USB é um adaptador USB para ProISL, que permite ao seu computador ou servidor, ligado ao Select via USB, seja sincronizado com o clock interno do Select.

Outra característica divulgada com bastante ênfase pelo fabricante é a tecnologia MSB Renderer, que utiliza um hardware interno que executa um processador A5 de baixíssimo ruído para reprodução de áudio padrão hi-end. Com as seguintes especificações: até 32-bit/768 kHz, decodificação MQA, Roon, até 4x DSD, protocolo UPnP e protocolo DLNA.

Para os audiófilos que desejam abrir mão do uso de um pré-amplificador de linha, o Select oferece um atenuador que

fornece uma saída constante de baixa impedância sem nenhum circuito ativo (sem transistores, buffers ou amplificadores operacionais). Isso permite (segundo o fabricante) uma notável qualidade de áudio.

A usinagem, toda feita em CNC, utiliza uma placa de 39 kg, é feita na própria fábrica da MSB. São oito horas de usinagem, sendo 85% do alumínio removido, resultando em um produto acabado de 7,7 kg.



O fabricante especifica pelo menos 200 horas de queima. Mas diria que ainda que haja melhoras significativas em todo o espectro audível após este amaciamento, vale a pena uma audição mesmo com o Select frio, para o usuário ter uma vaga ideia do pedigree do conversor. Fizemos uma primeira impressão, para nossas anotações iniciais de praxe, que duraram para lá do habitual: 8 horas ininterruptas. Ainda que você diga a si mesmo: “Ok, estou tendo a oportunidade de testar um equipamento de nível superlativo” e se prepare para aquele histórico momento, o impacto irá te surpreender! Não tem jeito, não há como se salvar de surpresas, pois trata-se de um produto que está reescrevendo a história do áudio digital com letras maiúsculas.

Então haverá um choque, e ele será catastrófico para as suas pretensões de voltar, depois, para o seu setup de referência digital, como se tudo não tivesse passado de uma inesquecível férias de verão! Este é o lado amargo da vida de articulista, o choque de realidades entre o que você pode ter e o que existe de melhor no mercado. ►



Já havia vivido este choque recentemente, com o teste do CH Precision, e agora ainda mal recuperado do primeiro 'tsunami', eis que uma onda ainda mais forte me pegou novamente. A primeira questão que nos vem à mente, assim que colocamos o primeiro disco é: "onde está aquele grau de complexidade que o seu setup quase dobrava as pernas para reproduzir no fortíssimo?". Ou: "como este sax alto estava aí tão evidente e eu nunca tinha escutado?". E, pior: "então a cantora não balbuciou algo inaudível, na verdade ela deu foi um rápido suspiro!!!!". Assim começa esta odisséia sonora do nosso mundo real, para um mundo totalmente desconhecido em matéria de detalhes, complexidade e maneira de resolver problemas e de desfazer nós.

Bem vindo ao mundo do Select DAC!

Quando digo nos Cursos de Percepção Auditiva que, quanto mais no topo, mais os detalhes se tornam cruciais, sempre existe aquele que imagina ser possível burlar esta verdade economizando no cabo ou no power ou, até, acreditando que o equipamento irá vencer as limitações acústicas e elétricas do sistema. Meu amigo, neste patamar não existe nenhum tipo de concessão. Ou tudo está correto, ou nada soará como deve e pode.

À medida que o Select foi amaciando, novas virtudes se juntaram às da primeira audição. A naturalidade dos instrumentos vai muito além da qualidade tímbrica e de fabricação - você observa desde a escolha do microfone (se foi certa ou errada), o posicionamento do microfone em relação ao instrumento, a técnica do músico e seu grau de virtuosidade (ou não) e, o mais legal: a qualidade

estético/musical do engenheiro de gravação no momento da mixagem e masterização! Pois o silêncio de fundo é tão impressionante que até as informações mais submersas e sutis, que se escondem na esmagadora maioria dos setups digitais, no Select emergem. Isso proporciona ao ouvinte um prazer em compreender as virtudes dos músicos, como se fossemos testemunhas oculares do acontecido.

Mas, o pulo do gato não está no silêncio, e sim no equilíbrio entre realismo, naturalidade e silêncio. Tenho falado repetidamente da questão dos equipamentos que possuem folga para nos permitir ouvir passagens com grandes variações dinâmicas com total conforto e inteligibilidade. Inúmeros produtos atingiram esta façanha tão desejada há tanto tempo. O MSB vai um degrau acima, ao permitir todo este conforto com uma capacidade de distribuir esta energia dinâmica por toda a sala de forma tridimensional. Lembrou-me muito as audições na Sala São Paulo em apresentações com grande variação dinâmica, como o último movimento da Nona Sinfonia de Beethoven com coral e orquestra, ou a Sinfonia Fantástica de Berlioz. O Select faz uma distribuição 3D dessas obras, com enorme maestria e precisão, deixando o ouvinte num misto de espanto e surpresa absoluto. Pois esta experiência certamente ele nunca vivenciou em sua sala!

Ouvindo a Sinfonia Fantástica, o quarto e quinto movimentos, minha sala cresceu de tamanho, com os planos se alargando tanto em profundidade como em largura. Deixando os solistas com maior folga e silêncio à sua volta e um grau de inteligibilidade e corpo dos naipes, jamais antes escutado!

Pensei que este efeito fosse apenas com uma ou outra gravação mais bem produzida. Ledo engano, pois à medida que o amaciamento foi se aproximando das 200 horas, este efeito ‘fermento’ foi se tornando ainda mais prazeroso, mesmo em gravações tecnicamente mais comprimidas. E mesmo aquelas bidimensionais, em que os músicos parecem estar enfileirados para cantar o Hino Nacional, o silêncio em volta do solista se tornou evidente.

Este grau de preciosismo tem seu lado subjetivo (o emocional) e um mais evidente ainda: o objetivo.

Pois qualquer um que tenha seus discos de cabeceira, ao fazer um upgrade, percebe exatamente onde estão as melhorias e se elas são significativas para validar a escolha.

E, no Select, este lado objetivo é tão significativo e consistente que, a cada subida de degrau, ao olhar para trás a pergunta fatal é: como voltar atrás depois de viver esta experiência sonora? Tentando esquecer este dilema, coloquei na minha cabeça que o certo era viver essas três semanas intensamente e, depois, me adaptar novamente à realidade. E assim o fiz.

As noites se tornaram curtas e os dias foram utilizados da forma mais objetiva, tentando aliar revista, filhos, casa, cachorros, compromissos e as audições noturnas regadas aos melhores discos e às melhores performances possíveis.

Separei as três melhores gravações da Nona de Beethoven que possuo, as duas do Concerto para Violino e Orquestra de Tchaikovsky, e assim por diante. E deixei para ouvir todos os 100 discos da metodologia, apenas na última semana. Afinal, não poderia perder

de forma alguma a possibilidade de ouvir meus discos de cabeceira, que me são tão caros, em um setup como o Select.

As lágrimas me vieram à face diversas vezes, os pelos do braços se arrepiaram dezenas e mais dezenas de vezes, e aquele suspiro de júbilo e incredulidade também! Em um determinado momento, já com data e horário para entregar este Select ao seu dono de direito, me perguntei como definir este tão espetacular DAC?

Ouvindo pela segunda vez Dindi, com André Mehmari, no disco lançado por nós na Cavi Records, me veio a resposta: Assombroso! Muitos podem achar que este termo tenha uma conotação pejorativa, pois talvez o associem com algo assustador ou horripilante. Mas, a sensação a cada audição feita neste Select foi de estarmos escutando algo impressionante, que foge do lugar comum, da zona de conforto, do habitual, ainda que seja correto e prazeroso.

Não se fica imune a um produto com tantas virtudes e todas em seu devido lugar e proporção. Nada se sobressai, nada faz sombra a outra parte também importante e, consequentemente, quem se beneficia é o ouvinte que vivencia de forma integral uma experiência auditiva de reprodução inigualável! Que, se não é fidedigna à experiência de uma audição ao vivo, tem o benefício de poder ser repetida infinitas vezes sem os ruídos de pessoas falando, celulares tocando, etc, etc... E está muito mais próxima de estarmos a metros dos músicos na sala de gravação como jamais estivemos.

Então, classificar esta experiência auditiva é uma das tarefas mais difíceis para qualquer articulista. Pois, por mais que tentemos, faltará algo que possa ser expresso de forma objetiva.



CONCLUSÃO

Ainda que não tenhamos feito este teste com um setup completo MSB, as diferenças entre nosso sistema de referência e o Select com sua fonte, foram enormes. Ter a possibilidade de algum dia repetir este teste com os quatro módulos é praticamente impossível.

Então, para ser justo tanto com a Metodologia, quanto com você leitor, deixo aqui registrado que potencialmente a nota do setup Select com seu Transporte e suas duas fontes separadas possa

tranquilamente ampliar sua pontuação atual para mais três a quatro pontos. E o fechamento da nota para este teste, com o nosso transporte dCS Scarlatti, é uma nota parcial.

Para quem tem posses, e objetiva ter a referência das referências, ouvir o Select da MSB é uma das experiências mais gratificantes que se pode realizar, pois a forma com que ele reproduz a música nos faz ter a certeza que toda a nossa busca por anos a fio realmente encontrou seu porto seguro! ■

Saídas Analógicas XLR - Máximo de 3,57 Vrms (entrada digital) Máximo de 12 Vrms (entrada analógica)
- 75 Ω Balanceado
- Galvicamente isolado

Controle de volume Atenuação analógica de impedância constante puramente passiva, Passos de 1 dB

Exibição Visor síncrono discreto personalizado LED, Brilho ajustável e recurso de desligamento automático

Controles RS-232 isolado, Remoto IR

Dimensões do chassi

Largura 444 mm

Profundidade 444 mm

Altura do chassi (sem pés) 79 mm

Altura da pilha 92 mm

Peso 11 kg

Dimensões da embalagem

Largura 635 mm

Profundidade 625 mm

Altura 254 mm

Peso 24 kg

Acessórios incluídos Manual do usuário, Remoto MSB, Cabo de carregamento USB, Pés pontiagudos (4X), Inserções de pé de plástico (4X).

PONTOS POSITIVOS

O topo em matéria de digital.

PONTOS NEGATIVOS

O preço.

SISTEMA DIGITAL MSB SELECT DAC

Equilíbrio Tonal	13,0
Soundstage	14,0
Textura	14,0
Transientes	13,0
Dinâmica	12,0
Corpo Harmônico	13,0
Organicidade	13,0
Musicalidade	14,0
Total	106,0

VOCAL

ROCK . POP

JAZZ . BLUES

MÚSICA DE CÂMARA

SINFÔNICA

German Audio

contato@germanaudio.com.br

Preço nos EUA: US\$105.000

Preço no Brasil: sob consulta
(acompanha fonte e o clock Femto33)

**ESTADO
DA ARTE**



SEU ENTRETENIMENTO GARANTIDO COM A UPSAI



Condicionador



Condicionador
Estabilizado



Módulo
Isolador



Imagens ilustrativas

criação: msdesigner@hotmail.com

 @upsai.official
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br
11 - 2606.4100





ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NOZ943YMH6G](https://www.youtube.com/watch?v=NOZ943YMH6G)

AMPLIFICADOR AIR TIGHT ATM-300 ANNIVERSARY

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Minha paixão pelos produtos deste fabricante japonês é antiga. Remonta ao tempo em que trabalhava na Audio News, ia pelo menos uma vez por mês almoçar na Liberdade e, depois do almoço, ia ver as mais recentes edições da StereoSound japonesa para conhecer as novidades. Ainda que não entendesse nada do que estava escrito, ver as propagandas e os produtos em teste era suficiente para voltar para casa imaginando como deveriam soar aqueles produtos!

Ainda vivíamos a triste reserva de mercado, então só nos restava sonhar realmente. Por mais otimista que fosse (e sempre fui), jamais poderia imaginar que poucos anos depois estaria eu testando grande parte daqueles equipamentos, que saíam todos os meses nos reluzentes anúncios da StereoSound, como também iria ter, em meu sistema de referência por dois anos, um par de monoblocos ATM-3 da Air Tight!

O mundo realmente dá muitas voltas, e me sinto um felizardo de poder, nesses 23 anos da revista, ter testado mais de 1.200 produtos

(sem contar os produtos em que o teste foi abortado), possibilitando levar a você leitor nossas observações, mês a mês. Porém, o mais legal é um mês estar testando um amplificador de estado sólido de 500 Watts, e no mês seguinte ouvir um amplificador de apenas 9 Watts por canal, como este ATM-300 série especial do aniversário de 30 anos da Air Tight. Este era um sonho antigo, ouvir este amplificador já com 15 anos em linha em série especial comemorativa da empresa. Para não me alongar na história deste fabricante, sugiro a leitura dos testes do ATM-1S (edição 190) e do ATM-3 (edição 193).

A Air Tight sempre primou pelo desenvolvimento de produtos que fossem belos não só em sua sonoridade como também em sua aparência. Levando este esmero de construção aos menores detalhes, como por exemplo: a cabeça dos parafusos existentes em seus gabinetes não ficam expostas e visíveis. Parece um detalhe exagerado, mas quando você escuta um Air Tight em um setup correto, você entenderá e apreciará esse 'pacote' de preciosismo. ►



Ainda que o ATM-300 Anniversary possua 9 Watts por canal, e possa empurrar algumas caixas com 91/92 dB de sensibilidade, achei que seria necessário buscar uma caixa de maior sensibilidade, então recorremos ao Fernando Kawabe, que gentilmente nos cedeu, para teste também, as DeVore Orangutan 0/96 (o teste sairá na edição de julho próximo), o que nos permitiu um teste mais adequado para os 9 Watts do amplificador.

Minha relação com amplificadores de baixa potência se resume à audição de um amplificador da - também japonesa - Triode, de 10 Watts. E, claro, minhas audições em companhia do meu pai nos anos 60 de alguns Single Ended empurrando as lendárias caixas da Western Electric - que, confesso, não me encantavam tanto (talvez venha deste período minha dificuldade em ouvir cornetas, pois sempre me vem à memória auditiva, aquele som anasalado na região média-alta). Mas sempre me encantou a sonoridade dos amplificadores valvulados com as também lendárias válvulas WE300B, por dois motivos: sua assinatura sônica sempre natural e sua musicalidade.

A audição mais sublime que escutei da Ella Fitzgerald foi em uma topologia 300B nos anos 60. Foi ali que Ella me conquistou para sempre, tornando-se, de longe, a Cantora que mais escuto em minhas horas de lazer.

Segundo o fabricante, foi graças ao esforço da Takatsuki Electric que a Air Tight desenvolveu esta edição de aniversário, pois conseguiram 'ressuscitar' a lendária WE300B, e isto levou a Air Tight a fazer uma edição especial do seu power estéreo ATM-300.

Este amplificador da Air Tight adotou um sistema de feedback incomum e, segundo eles, contrário à tendência geral, que os levou a optar pelo zero feedback (nenhuma realimentação). Mas esta opção teve um preço: exigiu dos engenheiros uma revisão completa de todos os componentes, a começar pelos transformadores, capacitores e resistores, para assegurar o menor ruído de fundo e menor distorção. Na parte de gabinete, o mesmo primor de sempre, com chassis pesado para evitar qualquer tipo de ressonância e sub chassis cortado a laser feito de cobre puro e espesso.

As válvulas utilizadas são duas 300B, uma 5U4GB, duas 12BH7A e duas 12AU7A (ECC82). A distorção é de 1% (1 kHz / 1 W / 8 Ohms), a resposta de frequência de 25 Hz a 40 kHz (-1 dB / 1 W) e o peso de 24 Kg.

Ainda que recentemente a Air Tight tenha lançado uma nova versão, o ATM-300R, muitos fãs dos amplificadores 300B ainda preferem esta edição de aniversário, lançada em 2016. Nos fóruns internacionais, a discussão em torno de qual é melhor parece que se baseia nos detalhes e na subjetividade de cada um.

Como não escutei o ATM-300R, não posso opinar, mas fica aqui meu conselho a todos os interessados, porque a briga nos fóruns sobre qual soa melhor é grande e calorosa!

Na frente do painel do ATM-300 temos o interruptor de pressão de liga/desliga, e três pequenos botões, sendo dois de atenuação separados para o canal direito e esquerdo, e um terceiro botão para o ajuste de bias, com as posições: Operate, L e R, para o ajuste fino das 300B.

O Air Tight teve como companhia o pré da Audio Research REF 6 e o nosso pré de referência da Dan D'Agostino. Fontes digitais: sistema dCS Scarlatti, MSB Select DAC (leia Teste 1 nesta edição) e, por uma semana, o DAC e o clock dCS Vivaldi (teste em breve). Caixas acústicas: Kharma Exquisite Midi e DeVore Orangutan 0/96. Cabos de força: Reference Sunrise Lab e Transparent PowerLink MM2. Cabos de interconexão: Transparent Opus G5, Sax Soul Ágata 2 e Sunrise Lab Quintessence.

Como estou sem toca-discos e sem pré de phono, utilizamos apenas CDs para o teste. O Air Tight veio imaculado, e abrir sua caixa lacrada e montar o amplificador (trabalho gentilmente feito pelo Fernando Kawabe, já que continuo proibido de fazer força com o braço direito), me remeteu a uma viagem no tempo. Montado e devidamente ajustado, as primeiras audições foram feitas apenas para anotações, já que a DeVore também estava com menos de 20 horas de amaciamento (e ela necessita de, no mínimo, 500 horas).

Ouvir um amplificador, de baixa potência, necessita de alguns cuidados - e não estou falando de volume e sim de postura do ouvinte, que necessita entender que se trata de uma outra viagem sonora, repleta de introspecção, e não de arroubos pirotécnicos.

Então, se você é um grave dependente ou amante de volumes que façam a bainha de sua calça deslocar com a pressão sonora, esqueça e nem perca seu tempo, pois irá se decepcionar. E nada pior que a decepção de um audiófilo, pois ele sairá daquela audição soltando os cachorros pelo resto de sua existência.

Gostei muito da observação feita pelo articulista Art Dudley ao revisar este amplificador, na nova versão. Ele escreveu: "Criticar um amplificador 300B por seu baixo poder é como criticar um haiku por sua narrativa limitada". Ou ainda: "Reclamarem por não ter uma cena de perseguição de carros no filme O Sétimo Selo, de Ingmar Bergman".

Então, meu caro amigo, sua forma de encarar um 300B é que irá determinar se será uma audição repleta ou não de prazer. O aviso foi dado.

Às vezes, quando nos propomos a sair do nosso espaço habitual, podemos nos deparar com experiências gratificantes, e ouvir um 300B pode ser uma delas. Pois quem opta por este amplificador abriu mão de uma série de quesitos que, para muitos audiófilos, são essenciais - sua busca se encontra em uma outra direção.



Meu pai dizia que, onde muitos focam o todo, alguns prestam a atenção nos detalhes. E todo bom amplificador 300B é feito para os detalhes. Se você ainda é capaz de entrar em um bosque e apreciar, sem pressa alguma, as cores, formas, texturas e cheiros, e se comover com esses alimentos para os sentidos e a alma, então você é um sério candidato a se apaixonar por um 300B, pois a magia que ele expressa é de nos apresentar aquela inflexão vocal que muda completamente nosso entendimento daquela passagem, ou o trinado do arco no violino em um longo pianíssimo, que nos leva a prender a respiração tamanho o controle do músico sobre o instrumento, ou apenas perceber o silêncio que, de tão perfeito, nos prepara para o próximo compasso.

Os excelentes 300B possuem uma luz própria - e não falo de colorações, falo de formas e texturas. E o Air Tight vai além ao exprimir um caráter sônico intenso e emotivo. A música ganha contornos únicos, em que a transparência é excelente, mas são as texturas que prevalecem sempre, proporcionando ao ouvinte uma infinita paleta de cores.

Se fizesse uma analogia com as estações do ano, este 300B da Air Tight seria a mais bela representação da luz de outono, naquele azul intenso que só enaltece a paisagem à sua volta. Em uma luz que ao mesmo tempo que é intensa, possui uma suavidade e um calor na medida certa. Este equilíbrio tão raro e tão desejado por muitos, é perfeito nos melhores 300B, e este Air Tight faz parte desta seleta legião.

Engana-se aqueles que, preconceituosamente, acham que amplificadores valvulados de baixa potência jogam suas fichas todas em uma região média molhada e sedosa. Erro grosseiro, diria meu pai! Este 300B possui agudos maravilhosos, limpos e com excelente corpo, extensão e decaimento. E na outra ponta, seus graves também são encorpados, corretos e precisos.

Seu palco, em termos de profundidade e largura, se mostrou excelente, e o silêncio entre as notas possibilitou um foco e recorte milimétricos.

A apresentação de texturas é dos deuses! Diferente de tudo que já escutamos, você ficará horas apreciando a qualidade de cada instrumento de diversos quartetos de cordas (mesmo que seja o mesmo quarteto em diversas gravações ou obras), e descobrindo como soam em diferentes salas de gravação, com diferentes microfones.

Passará a ficar mais atento à qualidade dos instrumentos e à técnica dos músicos.

Passei duas semanas só ouvindo quartetos, quintetos, e obras para violino e orquestra, com diversos solistas e diferentes orquestras. A assinatura sônica deste 300B amplia as texturas como uma potente lente de aumento, possibilitando audições inebriantes.

Diria que este Air Tight vai te conquistando aos poucos - é preciso paciência para o conhecer na intimidade, nada está explícito ou exposto de uma forma grosseira. Mas, depois de estabelecida a sedução, difícil mesmo será abandoná-la!



Os transientes, ainda que totalmente corretos, não impõe aquela precisão de desfile militar dos exércitos asiáticos, preferindo mais o andamento de uma coreografia clássica de uma obra como o Quebra Nozes: correta, precisa, mas com delicadeza e sensibilidade.

Os 300B não foram feitos para ouvir rock, diria um amigo meu baterista. Tenho que concordar com ele, mas um blues bem tocado soará belamente.

A dinâmica dependerá obviamente da sensibilidade da caixa ligada a ele. Uma DeVore soou muito mais correta nas passagens de macrodinâmica que a Kharma. Aqui, quanto maior a sensibilidade da caixa, melhor será o resultado na resposta de macro-dinâmica. Já a microdinâmica é excelente!

O corpo harmônico foi uma grande surpresa, pois eu não esperava um resultado tão bom! Corpos com os tamanhos bem corretos e bem proporcionais ao real (música ao vivo acústica, sem microfonação).

A organicidade também é muito boa, mas diria que muito mais intimista do que realista. Nada daquela materialização física à nossa frente, mas sim uma apresentação mais despojada e que nos prende pela musicalidade e não pelo realismo físico. Sua musicalidade, junto com as texturas, são o ponto mais alto deste 300B. É o tipo

de apresentação para quem quer ouvir seus discos por uma outra perspectiva, livre de detalhes que nos desconcentram e atentos ao essencial.

Um amigo, também músico e amante de 300B, sempre me lembra que quando ele senta para ouvir seu sistema ele não quer se sentir no meio da orquestra (isto ele já faz todo santo dia, afinal é seu trabalho), ele quer ouvir a ideia e a execução musical, compartilhar a genialidade do compositor, do arranjador e dos músicos. Quer apenas estar ali ouvindo o que gosta sem se preocupar se poderia ser melhor a macrodinâmica daquela passagem ou se o triângulo poderia ter mais corpo e extensão! Sua viagem musical é para o âmago da concepção e não para o resultado na superfície.

Dizem que os audiófilos são todos loucos, pois pagam um preço alto para 'experimentar' em seus sistemas sensações para lá de subjetivas. Visto de fora, certamente esta é a conclusão mais óbvia. Mas, quando o audiôfilo na sua essência é um melômano, toda esta busca torna-se muito mais objetiva. Separo muito bem o puro audiôfilo do audiôfilo/melômano. O audiôfilo é apaixonado por equipamentos. Ainda que utilize a música para dar um rumo à sua busca, o equipamento está acima de sua paixão pela música. Este jamais terá algum interesse por um 300B. ►



Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257

ÁUDIO CLASSIC em novo endereço. Venha nos visitar!



A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!



DVDs - CDs - LPs - AUDIÓFILOS

REVENDEDOR AUTORIZADO:

- Accuphase • ASR • Audio Flight • Audio Physic
- Audiopax • Avance • B&W • Burmester • darTZeel
- dCS • Dr. Feickert Analogue • Dynaudio • Esoteric
- Evolution • Goldmund • Jeff Rowland • Kharma
- Krell • Kubala-Sosna • McIntosh • MSB Technology
- Pathos • Sonus Faber • Transparent • Von Schweikert Audio
- VTL • Wilson Audio • YG Acoustics

Praça Alpha de Centauro, 54 - conj. 113 - 1º andar - Alphaville/SP
Centro de Apoio 2, em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 2117.7512 / 2117.7200 / 11 99341.5851



WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR



CÁPSULA GRADO STATEMENT MASTER 2

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Puxando pela memória, não consigo lembrar em que ano testei uma cápsula Grado da linha Reference e qual modelo. Só consigo lembrar que foi em um toca-discos Rega Planar 3 com braço RB300 e era o começo do Clube do Áudio. Em 1998, talvez.

Agora que voltou ao Brasil, pelas mãos do Fernando Kawabe, já testamos o fone de ouvido Reference Series RS1E (leia o teste na edição 250) e agora apresentamos a cápsula Statement Master 2, a top dessa linha, logo abaixo da linha Reference. Nos Estados Unidos é uma cápsula de 1000 dólares, em uma faixa de preço que existem dezenas de boas opções. Então, se destacar nesta faixa é tarefa das mais difíceis.

A história da Grado Labs, que leva o nome de seu fundador Joe Grado, nasceu em 1953, no Brooklin, em Nova York. Joe Grado é o criador da cápsula de bobina móvel (MC) estéreo. Morreu em 2015, mas desde 1990 a empresa foi dirigida pelo seu sobrinho, John Grado e, em 2013, o filho de Joe, Jonathan, tornou-se o vice-presidente de marketing da empresa.

Mas a atual Grado se tornou mundialmente conhecida pelos excepcionais fones de ouvido, que também usam madeira - as cápsulas das linhas top da Grado também sempre foram reconhecidas por serem de madeira.

A linha de cápsulas da Grado é bastante extensa, começando com a série Platinum (na faixa de 350 dólares lá fora), Sonata (600 dólares), Master 2 (1.000 dólares lá), Reference 2 (1.500 dólares) e Statement 2 (3.500 dólares).

A Statement série 2, que espero em breve poder testar, é considerada por muitos articulistas como a melhor cápsula da Grado de todos os tempos, concorrendo com cápsulas custando até três vezes este preço. Como estou pior que São Tomé, quero ouvir para crer, rs.

A Statement Master 2 também possui um corpo de madeira com a implementação de uma bobina fixa mas que, como todos as cápsulas deste fabricante, utiliza um pequeno pedaço de ferro (em vez de imã) entre as bobinas - desenvolvido por John Grado em 1953 e ►



que ficou conhecido como Moving Iron (MI), em oposição ao Moving Magnet (MM) e também diferente do Moving Coil (MC).

Um amigo meu sempre apelidou as cápsulas da Grado de bobina híbrida. Pois como tem uma saída baixa (1,0 mv) em relação as MM, as Grado são cápsulas que precisam de um ganho de pelo menos 56 dB, se comportando muito mais como uma cápsula MC.

Então, ao decidir pela compra de uma cápsula deste fabricante se atenha ao detalhe de verificar se o seu pré de phono estará apto a ela.

O fabricante fala em 40 horas de amaciamento. O André Maltese, que mais uma vez fez a gentileza de montar a cápsula no meu braço SME V, com sua enorme experiência, me disse ser interessante no mínimo o dobro deste tempo para a cápsula realmente estabilizar.

O pré de phono foi o Golden Note (leia teste na edição 249), com seus inúmeros recursos de regulagem (quanto mais escuto este pré, mais maravilhado fico com seu custo, performance e versatilidade). Acostumado nos últimos anos com cápsulas MC de referência, como a Benz LP-S, a Air Tight PC-1 Supreme e a Transfiguration Protheus, minha curiosidade foi grande em ouvir a Grado.

O teste com a cápsula Grado Reference é tão antigo que sequer achei nos meus cadernos de anotações. E olha que procurei, por quase uma tarde, na tentativa de achar alguma dica de como as primeiras cápsulas deste fabricante com corpo de madeira soaram em meu sistema (a Grado passou a usar corpo de madeira, no início dos anos 90, justamente no lançamento da linha Reference).

Depois de três horas de instalação e ajuste fino da cápsula, sentamos eu e o André Maltese para a primeira audição. Ficamos ali escutando disco após disco, com uma região média impressionante, com timbres naturais e um convite para aquela primeira audição se estender pela noite adentro.

O André foi embora e, antes de deitar, passei alguns LPs da metodologia apenas para fazer minhas primeiras anotações. A Grado encanta pela capacidade de organizar a música entre as caixas, fazendo com que a música flua sem congestionamento ou baixa inteligibilidade.

E ainda que, nas primeiras 40 horas, falte as pontas, a naturalidade e a musicalidade nos remetem a querer apreciar, pois as virtudes já se mostram maiores que as ausências. É o tipo de cápsula que você não consegue ficar apontando as limitações, pois as qualidades saltam à nossa frente.

Corpo harmônico, além de correto, é muito preciso. Contrabaixos acústicos possuem tamanho real de contrabaixo, cantores possuem altura (se estão em pé), quartetos de cordas você consegue ouvir com prazer e 'ver' o tamanho dos instrumentos, e à medida que



o amaciamento passou de 40 horas, as pontas foram aparecendo, sutilmente à princípio, e depois com maior rapidez.

Os graves são muito bons, com fundação, energia, deslocamento de ar, que empurrado pelo corpo harmônico correto, torna tudo muito prazeroso e verossímil. Nosso cérebro gosta do que está a ouvir, pois reconhece o conforto auditivo e a sensação do acontecimento musical estar realmente ali à nossa frente.

Os agudos, ainda que não sejam a referência das referências, não têm nada de errado. Boa velocidade, bom corpo, boa extensão. E se não são excelentes, é sempre preciso lembrar que estamos falando de uma cápsula de 1.000 dólares lá fora! E, provavelmente, as cápsulas concorrentes que tenham maior refinamento nos agudos percam em outras qualidades que a Grado têm de sobra.

Não adianta, meu amigo, nesta faixa de preço é uma questão de escolhas. Não têm jeito. Pessoalmente, prefiro mil vezes abrir mão de uma ultra extensão em cima, por um corpo e naturalidade em todo o resto do espectro audível, pois minha coleção de 6.000 LPs está recheada de gravações que tecnicamente são bem limitadas - principalmente as prensagens nacionais, em que o uso de equalização correu solto como fumo em baile funk!

É uma cápsula tão musical que, para determinados gêneros é uma das cápsulas que eu mais indicaria. Exemplos: MPB, vozes em geral (independente do estilo musical), pequenos grupos de câmara, pianos solo e música étnica. Pois a região média desta cápsula é de uma precisão e naturalidade estonteantes!

Com 80 horas, a Grado não sofreu mais nenhuma alteração, aí decidi brincar com os cabos de interconexão entre o Golden Note e nosso pré de linha. Utilizei as seguintes opções: QED Reference, Timeless Guarneri, Sunrise Lab Quintessence, Nordost Tyr 2 e Sax Soul Ágata 1.

Para o meu gosto pessoal, e para dar ainda mais ênfase à naturalidade da região média, minhas escolhas recaíram no Timeless e no Tyr 2. O Timeless reforçou a microdinâmica e os transientes, deixando o andamento e ritmo mais presentes, e o Tyr 2 reforçou as passagens do forte para o fortíssimo na macrodinâmica, e deixando as texturas ainda mais evidentes na apresentação musical.

Engana-se quem acha que uma cápsula de 1.000 dólares não mereça todos esses cuidados. Pois se o produto tem um enorme potencial, devemos explorar suas qualidades ao máximo. Ainda faria um outro teste antes de começar a fechar a nota da Grado: ouvi três diferentes cabos de força no Golden Note para ver se era possível extrair do conjunto um sumo a mais. Tirei o cabo Transparent Powerlink MM2 e coloquei o cabo original do Golden Note, e ainda utilizei o Reference SE da Sunrise Lab.

Com o cabo original do Golden Note, os agudos além de ficarem mais escuros, perderam também um pouco de corpo. Os médios ficaram todos mais frontalizados como se a música fosse bidimensional. E os graves perderam também extensão e definição.

Com o PowerLink MM2 tudo voltou ao normal, mas óbvio que não é um cabo ideal para este setup (pré de phono / cápsula). Então, a melhor solução foi, para este setup, o Reference SE da Sunrise, mais compatível em termos de preço com o conjunto.

O importante, como disse, é que esta Grado possui 'garrafas para vender', podendo crescer de performance à medida que o usuário realiza upgrades em seu sistema. Sendo um investimento para um longo período e não apenas uma temporada.

Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos
produtos da Magis Audio, e
descubra o salto que o seu
sistema de áudio e vídeo
pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

Se esta é a cápsula que você tanto deseja, sua busca finalmente encontrou o caminho! ■

ESPECIFICAÇÕES

Saída	1mV @ 5 CMV
Resposta de frequência controlada	10-60 KHz
Separação de canal	média 40 dB - 10-30 KHz
Carga	47.000 Ohms
Indutância	30 mH
Resistência	72 Ohms
Capacitância	não sensível à carga capacitiva
Massa do chassi	10 gramas
Força de rastreamento	1.5 - 1.9 gramas

Limitação no extremo agudo e exigência de um pré de phono com ajuste adequado para ela.

Equilíbrio Tonal	10,0
Soundstage	10,0
Textura	11,0
Transientes	10,5
Dinâmica	10,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	10,0
Musicalidade	11,5
Total	85,0

[illegible]

KW HiFi
(48) 3236.3385
R\$ 6.240

ESTADO DA ARTE





Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500



Ouçe seus discos de vinil em qualquer lugar de sua casa através do Yamaha Turntable MusicCast VINYL 500. Distribua por todos os cômodos as músicas de sua coleção de discos. Compartilhando com um ambiente diferente – externo, com seus amigos, ou na cozinha.

MusicCast VINYL 500 é uma nova maneira de desfrutar discos de vinil. Através de sua rede Wi-Fi conecte todos os equipamentos Yamaha compatíveis com MusicCast à partir de um simples aplicativo, com a mais alta qualidade sonora, aliando tecnologia e estilo.

www.yamaha.com.br





A morte de Sócrates - Jacques-Louis David

O NEOBARROCO E O NEOCLASSICISMO DO SÉCULO XX

XX Omar Castellan
omarcastellan@clubedoaudio.com.br

A influência da segunda fase de Stravinsky - quando ele se ocidentalizou e se voltou para os melodismos de Haendel e Pergolesi e para as 'formas musicais' da primeira metade do século XVIII - refletiu-se nos movimentos Neoclassicistas e Neobarrocos da música contemporânea. Escolas, tendências e vanguardas confundiam-se. O antigo de ontem podia perfeitamente ser o moderno de hoje, e o incompreendido de hoje a vanguarda de amanhã. O mundo girava cada vez mais rápido, e a música tratava de acompanhar esse compasso. Muitas vezes, adiantava-se, tanto que, em vários aspectos, até hoje não foi compreendida.

Na França, a ressurreição da música 'antiga' foi abraçada pelo programa dos Six. O teórico do *Groupe des Six* ('Grupo dos Seis') foi o escritor e cineasta Jean Cocteau (1889-1963) que, no seu manifesto *Le Coq et l'Arlequin* (*O Galo e o Arlequim*, 1918), exprimiu ideias estéticas coincidentes em muitos pontos com as de Satie e Stravinsky. No seu escrito, Cocteau ridicularizava não só o sublime e o retórico, próprios, segundo ele, da arte musical germânica, mas também o impressionismo de Debussy e o mundo eslavo de Mussorgsky. Como solução, advogava a renúncia a um excesso de sonoridade e um regresso ao primitivo. Para ele, a volta ao esti- ►

lo do *café-concert*, do circo e da feira eram caminhos válidos para escrever 'obras essencialmente construídas, equilibradas, desenhadas com um traço firme e seguro, uma orquestra sem a carícia dos instrumentos de corda, como se fosse uma banda, formada por instrumentos de madeira, metal e percussão'. Apesar de muita publicidade, nem todos os integrantes do *Grupo dos Seis* conseguiram sucesso: Louis Durey e Germaine Tailleferre, autores de *lieds* e de boa música de câmara, ficaram à sombra dos outros; Georges Auric teve reconhecimento tardio com o bailado *Phèdre*, quando o grupo já estava disperso. Na realidade, para a história e para o público, os 'Seis' são apenas 'Três': **Poulenc, Milhaud e Honegger**.

Francis Poulenc (1899-1963), o representante mais típico dos princípios dos *Six* e das ideias de Cocteau, introduziu na música francesa a euforia, o encanto, o agradável. É um clássico sensível e anti-acadêmico, à maneira de Couperin, Scarlatti e Ravel. Nada em sua música evoca a secura do Neoclassicismo convencional. Parisiense típico e bastante espirituoso, ele foi um mestre das pequenas formas, capaz das mais brilhantes paródias, nas quais deixava entrever a profundidade do sentimento. Produziu coros esplêndidos, profunda música religiosa, canções e peças instrumentais. A melhor definição para a sua pessoa foi proposta por um dos seus biógrafos, que afirmou ter ele um pouco do 'menino travesso' e um pouco do 'monge'. Do primeiro, surgiram: **Le Bestiaire** (*O Bestiário*, 1919), contendo seis retratos de animais, que na realidade são estudos psicológicos das fraquezas humanas, baseadas em textos de Apollinaire, em forma de canções; **Mouvements Perpétuels** para piano (1919); e o bailado **Les Biches** (*As Corças*, 1924), escrito para os Bailados Russos de Diaghilev, em que a fantasia e ternura expressam-se com grande espontaneidade. Dentre as suas obras concertantes, destaca-se o belo **Concerto para Órgão** (1938), que traça linhas sonoras que brilham, correm, enternecem-se e retornam com novo vigor, para, finalmente, perderem-se em uma atmosfera imaterial; nele, todos os recursos do órgão são valorizados, como também toda a extensão de seu registro sonoro. Porém, é na fé profunda de sua porção 'monge' que a carreira de Poulenc, por vezes, atinge os píncaros em **Figure Humaine** (1943), para coro duplo, com poemas de Eluard; no **Stabat Mater** (1950) e na sua obra-prima, a ópera **Dialogues des Carmélites** (*O Diálogo das Carmelitas*, 1957), sobre um texto de Bernanos, que retrata musicalmente uma história de perseguição religiosa durante a revolução francesa - a daquela tímida juvenzinha que, tomada pela fé e por desejos sinceros de liberdade, aceita com serenidade a morte na guilhotina, ao lado de suas companheiras de devoção. Essa página corresponde a um drama de valor atemporal, da mais alta inspiração e admirável mestria. Ele também pode ser considerado um 'inovador musical', no monólogo **La Voix Humaine** (*A Voz Humana*, 1959), drama íntimo

de uma mulher que, depois de ter sido abandonada pelo amante, tenta mais uma vez lhe telefonar. Poulenc é, sem dúvida, um 'grande mestre menor'. As principais qualidades de sua música são a espontaneidade da inspiração e a perfeição do estilo; não lhe devemos nenhum enriquecimento da técnica musical, mas ele sempre alcança admiravelmente seu objetivo, quer se trate de comover, quer de seduzir. Sua originalidade não está na audácia, mas na naturalidade, que lhe permitiu inventar um classicismo bem pessoal.

'Francês da Provença e de religião judaica': era assim como **Darius Milhaud** (1892-1974) gostava de ser classificado. Formado academicamente no Conservatório de Paris, a sua vasta produção (mais de 500 obras, e algumas delas de grandes proporções) é uma das mais importantes na primeira metade do século XX nos Países latinos. Viveu entre 1914 e 1918 no Brasil, como diplomata, e entre 1919 e 1945 nos EUA, como exilado. Para ele, a politonalidade foi uma necessidade plasmada dentro de si mesmo e empregou-a sobrepondo duas ou mais melodias pertencentes a tonalidades diferentes, o que formava um tecido polifônico e denso. A sua posição estava muito distante das experiências paralelas, exclusivamente atonais, que realizavam, então, Stravinsky e, mais sistematicamente, Schoenberg. Na realidade, o seu propósito era enriquecer a sua linguagem sem nunca chegar à ruptura com o sistema tonal, e sim potencializá-lo. A isso se junta a instrumentação característica de Milhaud, que consistia na utilização de grupos de instrumentos insólitos na época, como os de percussão, em especial a bateria. Pode-se criticá-lo por acumular lado a lado o raro e o ordinário, o sério e o fútil. No entanto, o milagre de seu gênio é precisamente a inesgotável espontaneidade, a alegria de criar, livre de qualquer megalomania ou de autossatisfação.

Como fruto da estada de Milhaud no Brasil, surgiu a suíte **Saudades do Brasil** (1920-21), que compreende doze danças sobre melodias e ritmos sul-americanos, concebida tanto para piano solo quanto para orquestra. Outras criações dele, inspiradas em temas brasileiros, foram o balé **Le Boeuf sur le Toit** (*O Boi no Telhado*, 1920), sua partitura mais célebre, em que explora mais as impressões da exuberância da vida urbana, no caso, o Carnaval do Rio de Janeiro, do que dos sortilégios da natureza; **Carnaval d'Aix** (1924), 'fantasia' para piano e orquestra que apresenta um maxixe; e **Scaramouche** (1937), suíte para dois pianos, composta por três trechos exóticos para o público europeu, que culminam em um samba de ritmo desenfreado e muito sincopado, com harmonias 'primitivas' sabiamente dosadas. No balé **La Création du Monde** (*A Criação do Mundo*, 1923), obteve uma das fusões mais bem sucedidas entre o jazz e formas clássicas como a fuga. A sua consagração internacional foi conquistada perante o grande público, com a estreia da imensa ópera **Christophe Colomb** (*Cristóvão Colombo*, 1930), ►

em que ele experimentou a bitonalidade e a compactação extrema. Podem-se encontrar, ainda, verdadeiras obras preciosas em sua imensa produção musical, como a **Suíte Provençale** (1936), para orquestra, e o quinteto de sopros **La Cheminée du Roi René** (1939), obras de música sincera e espontânea que evocam, sem afetações gratuitas, as paisagens e os perfumes da Provença, tão cara ao compositor.

Devido à sua formação, **Arthur Honegger** (1892-1955), de origem suíça, foi o membro mais independente do *Grupo dos Seis*; na realidade, sempre divergiu dele: 'Não tenho o culto da feira, nem do *music-hall*, mas, pelo contrário, o da música de câmara e da música sinfônica no que têm de mais sério e austero', declarou. Inimigo de qualquer sistema, ele se tornou puro artesão e músico 'popular' ('a música deve tornar-se direta, simples, de muita personalidade; o povo não liga para a técnica e para o esmero'), e dedicou, enfim, um culto a Bach e Beethoven (descoberto ainda na infância). Sua escrita, de um lirismo vigoroso, adota polifonias complexas e tende, geralmente, para o drama; o que é de se lamentar que Honegger não tenha realmente composto óperas. Nos primeiros anos, foi um músico agressivo, transformando-se, mais tarde, em um tradicional. Tornou-se famoso pela peça orquestral **Pacific 231** (1923), uma descrição programática de uma locomotiva a vapor, a qual se transformou no símbolo de uma época, de uma geração sensibilizada pelas novas tecnologias, que parecem encontrar nessa música a sua expressão artística por excelência. No entanto, as suas mais poderosas criações são os oratórios, **Le Roi David** (*O Rei David*, 1921) e **Jeanne d'Arc au Bûcher** (*Joana D'Arc na Fogueira*, 1938), como também as grandes sinfonias. Em *O Rei David*, Honegger provou ser um compositor dramático cuja música pode não necessitar da representação no palco para nos emocionar; ela é 'livremente tonal', utilizando duras dissonâncias, sem privá-la do sentido harmônico. A suíte orquestral tirada dessa obra conquistou as salas de concerto. *Joana D'Arc na Fogueira* é o único oratório autêntico do século XX, o ponto culminante da obra de Honegger. Nessa página, de representação tão variada e de inesgotáveis recursos, o compositor coloca a pureza ao lado da luxúria, a canção popular junto aos gritos de morte, as atividades desenfreadas dos poderosos em contraste com o canto tranquilo da paisagem. A fantasia do poeta Paul Claudel, mística, realista e poética, cria oportunidades ao músico para empregar seu conhecimento de todos os estilos, o canto gregoriano ao lado do *jazz*, a tonalidade dissonante ao lado do simples acorde. Honegger, também, amplia as possibilidades do conjunto instrumental, utilizando pela primeira vez, em uma obra de peso, as novas sonoridades eletrônicas etéreas do *Ondes Martenot*.

O ciclo das cinco sinfonias de Honegger, compostas entre 1930 e 1951, constituiu um sucesso mais duradouro, principalmente a

Segunda e a *Terceira*. A **Segunda Sinfonia**, composta durante a Segunda Guerra Mundial, em Paris, é uma obra sombria para orquestra, apresentando uma conclusão comovente e surpreendente, na qual o trompete toca um coral otimista, sendo Bach a fonte de inspiração. Considerada uma de suas melhores obras, a **Terceira Sinfonia** (1945-46), conhecida como '*Litúrgica*', vai buscar os seus subtítulos para cada um de seus três andamentos na *Missa do Réquiem* - os gritos das profundezas da dor e a invocação ao Juízo Final transformam-se em documento de uma época, a do pós-guerra. Honegger retrata musicalmente o combate que se trava no coração entre o abandono às forças cegas que o sufocam e o instinto de felicidade, o amor e a paz, o sentimento de refúgio divino.

A música alemã do século XX é muito diferente, em sua concepção, da produzida nos decênios anteriores. Além disso, opõe-se, em muitos aspectos, aos princípios básicos que presidiam a arte musical do século XIX, e isso em diversas facetas. A trajetória de três alemães, **Busoni** (de origem italiana por parte materna, mas alemão por parte paterna e formação), **Weill** e **Hindemith** - é uma demonstração de que três variantes de uma mesma estirpe puderam ser tão próximas e, ao mesmo tempo, tão díspares, demonstrando como o mundo se agilizava. Busoni tratava de retornar às origens do clássico mais radical, Hindemith buscava a fonte do barroco e Weill variava entre os dois no rumo da fogueira social.

Pianista legendário e famoso por suas memoráveis transcrições de peças para órgão de Bach, **Ferruccio Busoni** (1866-1924) é o verdadeiro precursor do Neoclassicismo. Embora formado na tradição romântica, previu o que seria a música moderna. O seu escrito teórico 'Esboço de uma Nova Estética da Arte dos Sons' surpreende pela sua posição avançada, defendendo uma liberdade tonal ilimitada e um regresso às origens a partir do zero. Suas teorias acabaram sendo a base para trabalhos especialmente vanguardistas, como as do tcheco Alois Hába ou de Edgard Varèse. No entanto, Busoni jamais aplicou em sua própria música as teorias ultramodernas que preconizara. Sua maior música foi, certamente, aquela que idealizara e que nunca chegou a escrever. A trajetória foi essencialmente essa - a de um pianista fantástico e de um teórico ousado e importantíssimo, e não a de um compositor fundamental. Sua obra ambiciosa é o **Concerto para Piano, Coro Masculino e Orquestra** (1903-1904), cujos cinco movimentos devem ser tocados sem interrupção; corresponde mais a uma sinfonia com piano *obligato* do que um concerto tradicional, apesar da dificuldade da parte do solista. Entre as suas composições, sobressai a ópera **Doktor Faustus** (1916), com coros grandiosos.

Figurado entre os compositores mais citados e polêmicos de sua época, como também um dos mais influentes na música alemã desde 1920 até 1950, **Paul Hindemith** (1895-1963) representou o ►

auge do que poderia ser denominado de 'Neobarroco'. Trabalhou essencialmente as antigas formas musicais - a fuga, a sonata e a suíte - e compôs uma quantidade inimaginável de músicas. Sua filosofia era, acima de tudo, antirromântica, e sua música tinha as raízes na música alemã, sobretudo aquela do período que vai de Bach a Beethoven. Seu grande objetivo era demonstrar que a música alemã não estava esgotada. Na juventude, namorou as vanguardas e a sua música dissonante causava espanto, apesar do talento, que era conhecido por todos. Na realidade, era mais um músico para músicos do que para o público, mas nem por isso pouco importante. Excelente instrumentista (dominava perfeitamente a viola e o violino), ele tocava todos os instrumentos de uma orquestra, além de conhecer música profundamente e apresentar uma enorme facilidade para compor. Mundano e sofisticado, Hindemith foi considerado um compositor revolucionário, uma espécie de 'Prokofiev germânico', capaz de chegar à última palavra da dissonância e atonalidade. Entretanto, nunca chegou nem perto da música atonal, mas suas partituras ásperas e dissonantes deram à sua obra um aspecto que provocou vários equívocos de avaliação. O mais grave deles talvez seja exatamente esse - considerá-lo um paradigma da revolução musical na Alemanha da época. Sua obra mais famosa é a **Sinfonia Mathis der Maler ('Mathias, o Pintor')**, de 1935 - três movimentos orquestrais tirados da ópera homônima, que conta a história da vida do pintor medieval Mathias Grünewald, autor do Altar de Isenheim; nela, exprime as ânsias sociais e as angústias espirituais daquele e do nosso tempo. Essa obra foi considerada como 'arte degenerada' pelos nazistas, e foi o começo da sua perseguição, depois o exílio nos Estados Unidos. Na série **Kammermusiken ('Músicas de Câmara')**, escritas na década de 1920, busca a objetividade em uma polifonia mecânica, sem paixão, sem oposição de ideias, sem sorriso - a estética impassível para músicos robôs. O drama sangrento (sobre um ourives que assassina os seus clientes), tirado de um conto de Hoffman bem expressionista, é o tema da ópera **Cardillac** (1926), em que Hindemith leva sua lógica ao absurdo através de uma música fria e linear, inexpressiva e indiferente às situações dramáticas. Já **Der Schwanendreher ('O Cisneiro')**, 1935) trata-se de um meditativo e suave concerto para viola, baseado em velhas canções folclóricas alemãs, de terna inspiração, melancólico e eloquente. A suíte para orquestra do balé **Nobilissima Visione** (1938), obra impregnada tanto de humanismo quanto de valores místicos, demonstra o domínio da forma e do tratamento contrapontístico do músico alemão. Também, de elevada inspiração, é a coleção de **Lieder Marientleben ('A Vida de Nossa Senhora')**, de 1922, revisados em 1948. Apesar de um título chato e extenso, a suíte **Metamorfoses Sinfônicas sobre Temas de Carl Maria von Weber** (1943) apresenta-se extrovertida e alegre, com melodias deliciosas e harmonia com tempero do século XX. Geralmente, Hindemith é lembrado

do não como compositor, mas como um professor genial, não fosse pelo fato de que, quando suas obras são boas, elas se colocam entre as mais características e impressionantes do século.

Um dos alunos de Busoni conseguiria mais êxito que o próprio mestre - o alemão **Kurt Weill** (1900-1950). Na verdade, ele surgiu como compositor de música moderna. Teve certo êxito na apresentação de suas obras, mas com uma característica amarga e curiosa: elas nunca tornavam a ser executadas. Seu público era restrito praticamente à Sociedade Internacional de Música Contemporânea. Mas, a partir de seu encontro com o dramaturgo Bertold Brecht, encontrou seu verdadeiro ofício. Nos anos 20, ele alcançou o maior êxito entre todos os compositores alemães de ópera, com **Die Dreigroschenoper ('A Ópera dos Três Vinténs')**, na qual traduziu o clima de decadência e sarcasmo da Alemanha que se aproximava do Nazismo. Foi um dos primeiros compositores, provavelmente o primeiro, a trazer, sem nenhum disfarce, desprezando qualquer atalho, a problemática social de emergência para a música. Também, com Brecht, lançou-se em um trabalho mais extenso e ambicioso, outra furiosa sátira social, **Mahagonny**. Em 1935, na antevéspera dos horrores que estavam por vir, Weill foi para os Estados Unidos. Tornou-se um compositor bastante popular na Broadway; no entanto, o gênio dramático de Brecht representava um papel preponderante no seu êxito, e o que compôs com outros libretistas resultou em obras de interesse musical e dramático bem menor. Com sua inesgotável invenção de canções emocionantes e importunas, e pelo emprego bastante hábil de pequenas formações instrumentais, a obra de Weill aproxima-se mais da comédia musical americana e da balada popular berlinense do que da ópera. Se ela não foi ousada em sua estrutura ou revolucionária na linguagem, abriu um caminho paralelo e profundo - buscou na pulsação do dia a dia as bases para um trabalho cujo intuito era justamente traduzir as agonias e angústias dessa realidade opressora, sufocante.

Também é Neobarroco, pelo menos em parte de sua obra, um dos grandes mestres da música moderna, o inglês **Benjamin Britten** (1913-1976). Este ano comemora-se o centenário de seu nascimento. A sua música sempre conservou uma voz humana pessoal, dizendo o que sentia a um público cujo gosto ele conhecia. É um dos muitos compositores que se inspiraram nos estilos oriental, indonésio e japonês, mas o trabalho de sua vida foi dedicado à música que deu pouca ou nenhuma atenção às tendências ou modas passadas. Aliás, nada predispunha esse independente ferrenho às revoluções estéticas: um humor sólido, a aversão a toda ênfase, seu gosto de artesão escrupuloso permitiram-lhe enfrentar todas as tentações da vanguarda. Britten devolveu ao seu País o brilho musical perdido desde a morte de Purcell e dos grandes 'elisabetanos', de quem ele herdou a poesia alusiva, o pudor e a propriedade do sentimento ►

BIBLIOGRAFIA

23
ANOS
AMAG

dramático, o vigor e o frescor da expressão vocal, a ambiguidade, o humor. De acordo com suas próprias palavras, ele aprendeu com esses mestres barrocos 'como ser maravilhoso o conto dramático em língua inglesa'. O melhor de sua produção parece ser, sem dúvida, sua música vocal (óperas, obras diversas para vozes e orquestras, ciclos de canções). Talvez seja o melhor compositor de óperas da segunda metade do século XX. Sempre encontramos a mesma voz, apaixonada, consoladora e ávida nas quinze óperas que escreveu, desde *Peter Grimes* (1945), a ópera com que ele, pela primeira vez, obteve aclamação mundial, até a sua última, *Morte em Veneza* (1973).

Em 1939, Britten deixou a Inglaterra, indo para os EUA com Peter Pears, companheiro conjugal de toda a sua vida. Ao retornarem para a Inglaterra no começo de 1942, em plena guerra, ambos resolveram dar uma contribuição por meio da música, em vez de pegar em armas, desenvolvendo intensa atividade de concerto. Foi nesse período que Britten trabalhou na ópera *Peter Grimes*, estreada em 1945, alcançando retumbante sucesso internacional e marcando um novo começo para a ópera inglesa. O tema é sobre a história de um pescador de Suffolk, homem austero e marginalizado, que poderia ter sido ou não o assassino da única pessoa desse mundo a quem realmente amava, para tornar público seu apaixonado posicionamento individual a respeito da solidão e da liberdade de espírito. Seu personagem central, o primeiro de muitos papéis escritos para Pears, ditou um novo estilo na ópera - o desajustado social apresentando um senso feroz de orgulho e independência, mas que é, também, profundamente inseguro, o que proporciona um fluxo lírico que deveria ser livre, mas não é. Do mesmo modo, o talento de Britten para a caracterização se encontra em sua música orquestral evocando o mar, e na grande variedade de papéis secundários, nitidamente definidos. O sentimento geral da ópera é revelado na famosa obra orquestral, os *Quatro Interlúdios Marinhos e Passacaglia*, que constituem o melhor contato inicial com ela - música das mais despojadas que ele escreveu, transmitindo de imediato, com economia de meios, as sensações de solidão, de espaço infinito e a fúria que o mar proporciona. Após *Peter Grimes*, o padrão de sua produção operística já estava definido (Britten aborda, de alguma forma, os temas do indivíduo e da sociedade, e da violação da inocência), mas não o estilo, pois sempre demonstra um visível anseio por temas sempre novos - comédia de aldeia, em *Albert Herring* (1947), conflito psicológico, em *Billy Budd* (1951), reconstrução histórica, em *Gloriana* (1953), uma história de possessão diabólica com seu toque genuinamente inglês para fantasmas e almas penadas, em *The Turn of the Screw* ('A Volta do Parafuso', 1954), magia noturna, em *Sonho de uma Noite de Verão* (1960), uma luta entre história familiar e responsabilidade individual, em *Owen Wingrave* (1971), e a obsessão com um ideal infeliz, em *Morte em Veneza* (1973).

Britten encontrou uma nova roupagem musical para cânticos medievais, em *Cerimônia de Cânticos Natalinos* (1942), usando coro de meninos e harpas; suas linhas melódicas são claras e bem delineadas, sem qualquer traço das doçuras angelicais que marcam o gênero. Entre suas obras-primas, encontra-se o *War Réquiem* ('*Réquiem de Guerra*', 1962), composto para a reconsagração da Catedral de Coventry, bombardeada pelos alemães na Segunda Guerra Mundial. A obra evidencia, uma vez mais, os próprios sentimentos do compositor sobre a estupidez e a devastação inerentes aos conflitos bélicos, bem como sobre a natureza do consolo necessário para elas. O cataclismo traumatizante das guerras sempre trouxe uma contribuição indelével para os artistas, colocando-os em contato com experiências que os afetaram profundamente - uma vivência em que o inesperado e o improvisado se tornam a regra, sempre reacendendo um clima de novo entusiasmo e estímulo.

Da rica produção criativa de Britten, destaca-se a *Serenata para Tenor, Trompa e Orquestra de Cordas* (1943), uma magnífica disposição de sete poemas sobre a noite e a escuridão, plena de atmosfera e de assombramento, e as *Variações e Fuga sobre um Tema de Purcell* ('*Guia dos Jovens para a Orquestra*', 1946), obra vivaz que evidencia cada um dos instrumentos orquestrais, que executa sua própria variação sobre o tema; ao final, todos se unem sinfonicamente em uma brilhante fuga - uma contribuição ideal para introduzir a juventude ao som da orquestra moderna. A partir de 1948, ele passou a promover o Festival de Música de Alderburgh, a aldeia litorânea onde morava e morreu. Os maiores intérpretes de sua época participaram do festival, como o tenor Peter Pears, o trompetista Denis Brain, o violoncelista Mstislav Rostropovich e o pianista Sviatoslav Richter. Britten escreveu obras adequadas ao talento e à técnica extraordinária de cada um deles. Ainda hoje, o Festival de Música de Alderburgh é um evento internacional e importante centro de atividades culturais.

Outro compositor que escreveu música neobarroca, porém por necessidade íntima, foi o francês *Oliver Messiaen* (1908-1992). Talvez tenha sido o compositor mais influente do pós-guerra. No Conservatório de Paris, estudou composição com Dukas e órgão com Dupré. Posteriormente, já como mestre consumado do órgão, executava suas próprias obras e improvisações, parecendo fazer emergir a imagem sonora de Frescobaldi, Pachelbel, Bach, Bruckner e Franck. Como nenhum outro compositor, mistura o sensual com o sobrenatural, o racional com o extático, o cristão com o ocultista. Com um estilo próprio, meio suntuoso, meio bárbaro, sua música contém elementos de uma síntese extraordinária - o cantochão, o folclore, Bach, Debussy, Stravinsky, Bartók, Alban Berg, elementos exóticos (asiáticos e africanos), o canto dos pássaros e os ruídos da natureza; tudo isso fundido de uma maneira personalíssima e ►

complicada, o que contribuiu fortemente para a formação de um estilo reconhecível entre todos, com uma riqueza melódica, harmônica e rítmica inesgotável. A sua obra mais importante pode ser sumariamente definida a partir da sua fé católica, reivindicada quer nas obras de órgão (*L'Ascension, Livre d'Orgue, Messe de la Pentecôte*), quer nas de piano (*Vingt Regards sur l'Enfant Jésus*), ou nas de orquestra (*Trois Petites Liturgies, La Transfiguration de Notre Seigneur Jésus-Christ*), e até na ópera (*Saint François d'Assise*), bem como do seu gosto célebre pelo canto dos pássaros, que se manifestou abundantemente no domínio do piano (*Catalogue d'Oiseaux, La Fauvette des jardins* e obras para piano e orquestra).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Messiaen foi capturado e aprisionado na Silésia. Aí, escreveu o ***Quatour pour la Fin du Temps*** ('**Quarteto para o Fim dos Tempos**', 1940) para piano, clarinete, violino e violoncelo, estreado no campo de prisioneiros, em 1941, pelo compositor e três colegas detidos, para um público de cinco mil presos. Mais tarde, ele comentou: 'Nunca fui escutado com uma tão profunda atenção e compreensão'. Como o título sugere, a peça refere-se, em grande parte, à visão de São João do Apocalipse (tema bastante apropriado nesse momento da história mundial), entretanto Messiaen estava, também, anunciando o fim do tempo musical. Essa música é extática, comovente e excitante por si mesma,

totalmente isolada de sua inspiração. Em 1942, ele foi repatriado e ocupou o cargo de professor de harmonia no Conservatório de Paris, em que iria, mais tarde, ter como alunos Boulez, Stockhausen e Xenakis. Escreveu, nessa época, sua obra mais famosa, a ***Turangalila-Sinfonia*** (1948), imenso canto de amor, barroco e caloroso. A obra foi escrita em dez movimentos para solos de piano, de *ondes martenot* e grande orquestra, e sua inspiração musical é o ritmo indiano; corresponde a uma série de canções de amor interligadas, usando, em particular, a habilidade de *ondes martenot* para sugerir êxtase elevado. O movimento nº 6, '*Jardim do Sono do Amor*', cerne de toda a obra, é especialmente sensual. O piano, com as cordas e metais da orquestra, transforma os ritmos irregulares indianos em algo sincopado e vivo como um *jazz* de grandes proporções. Obra curta, de apenas 15 minutos, apaixonante, ***Reveil des Oiseaux*** ('**Coro do Amanhecer**', 1953), para piano e orquestra, apresenta uma abordagem ideal do mundo sonoro de Messiaen. É um verdadeiro mistério a forma como semelhante mistura de cantos (autênticos) de pássaros, harmonia avançada e ritmos gregos e indianos consegue ser uma peça musical coerente ou, até mesmo, um 'adequado' concerto para piano, para não dizer, uma obra-prima - música diferente da de qualquer outra pessoa, esplendidamente abordável e inesquecível. ■



Parnassus - Anton Raphael Mengs

DISCOGRAFIA SELECIONADA

Poulenc

- **Obras Completas:** EMI France - 'L'Édition du 50^e Anniversaire' 9721652 (20 CDs).

- **Obras para Piano Solo e de Câmara:** Rogé / Collard - Decca 4757097 (5 CDs).

- **Obras de Câmara:** Le Sage / Meyer / Portal / Pahud / Dufor / Leleux / Koster - RCA 632122 (2 CDs).

- **Concertos, Obras Orquestrais e Corais:** Dutoit / Rogé / Le Roux / Pollet / Orchestre National de France - Decca 4758454 (5 CDs).

- **Canções (Mélodies):** Dubosc / Cachemaille / Lott / Kryger / Le Roux / Rogé - Decca 4759085 (4 CDs) ou Bernac / Souzay / Gedda / Poulenc / Baldwin - EMI 566849-2 (5 CDs).

- **Dialogues des Carmélites:** Nagano / Dubosc / Gorr / Yakar / Dupuy / Fournier / Orchestre de L'Opéra de Lyon - Virgin Classics 759227-2 (2 CDs) ou Dervaux / Duval / Crespín / Scharley / Berton / Orchestre et Choeurs du Theatre National de L'Opera de Paris - EMI 9482282 (2 CDs).

Milhaud

- **A Criação do Mundo. O Boi no Telhado. Concerto para Harpa. Le Carnaval d'Aix. Concertos para Piano nºs 1 e 4. Cinco Estudos para Piano e Orquestra. Balada para Piano e Orquestra:** Nagano / Cambreling / Hellflier / Orchestre de L'Opéra de Lyon - Erato 3984-21347-2 (2 CDs).

- **A Criação do Mundo. O Boi no Telhado. Suíte Provençal:** Casadesus / Orchestre National de Lille - Naxos 8.557287 ou Tortelier / Ulster O. - Chandos 9023.

- **Saudades do Brasil. La Muse Managère. L'Album de Madane Bovary (Música para Piano):** Tharaud - Naxos 8.553443.

Honegger

- **Sinfonias nºs 2 e 3:** Karajan / Berliner Phil. - DG 'Originals' 447435-2.

- **Sinfonia nº 3 (+ Poulenc: Gloria):** Jansons / Concertgebouw O. - RCO Live 06003.

- **Jeanne d'Arc au Boucher:** Ozawa / Orchestre National de France - DG 476165-2.

- **Le Roi David:** Piquemal / Todorovitch / Honegger / Orchestre de la Cité - Naxos 8.553649

ou Dutoit / Collard / Ensemble Instrumental / O. P. de Monte Carlo (+ **Obras Orquestrais**) - Warner 2564 62033-2 (2 CDs).

Busoni

- **Concerto para Piano:** Elder / Hamelin / Birmingham SO - Hyperion 67143.

- **Doktor Faust:** Nagano / Henschel / Begley / Choeur et Orchestre de L'Opera National de Lyon - Warner 2564646824 (3 CDs).

Hindemith

- **Sinfonia 'Mathias, o Pintor'. Nobilissima Visione. Metamorfoses Sinfônicas:** Abbado / Berliner Phil. - DG 447389-2.

- **Obras Orquestrais:** Blomstedt / San Francisco SO / Gewandhausorchester Leipzig - DG 475264-2 (3 CDs).

- **Kammermusiken:** Chailly / Concertgebouw O. - Decca 'Double' 473722-2 (2 CDs).

Weill

- **A Ópera dos Três Vinténs:** Fichter / Stryi / Shimada / Bocker / Johans / Hagen / Ensemble Modern - RCA 66133-2 (2 CDs) ou Mauceri / Kollo / Lemper / Milva / Adorf / Berlin RIAS Chamber Chorus & S. - Decca 430075-2.

- **Mahagonny Songspiel. Os Sete Pecados Mortais:** Mauceri / Lemper / Wildhaber / Haage / Berlin RIAS Chamber Chorus & S. - Decca 430168-2.

- **Lotte Lenya sings Kurt Weill:** Levine / Lenya / Armstrong / Gilford - Sony 60647.

- **Ute Lemper sings Weill:** Mauceri / Lemper / Berlin RIAS Chamber S. - Decca 425204-2 (Vol. 1) e 436417-2 (Vol. 2).

Britten

- **Obras Completas:** vários intérpretes e orquestras - Decca 4785364 (65 CDs e DVD).

DISCOGRAFIA SELECIONADA

- **Britten - 'The Collector's Edition':** Vários intérpretes e orquestras - EMI 752629 (37 CDs).

- **Obras-Primas ('Masterpieces'):** Britten/Cleobury/Tuckwell/ The Choir of King's College Cambridge / Rachel Masters / Ladies of Cambridge University Choir / Choir of St John's College / English Chamber O. / Orch. of the Royal Opera House / Covent Garden O. - Decca 4785723 (4 CDs).

- **Obras de Câmara e Instrumentais:** vários intérpretes - EMI 0151492 (6 CDs).

- **Obras Orquestrais e Corais:** Rattle / Bostridge / Donohoe / Söderström / Tear / Allen / Berliner Philh. / City of Birmingham SO - EMI 2427432 (5 CDs) ou Pesek / Rattle / Järvi / Donohoe / Knussen etc. / Norwegian CO / English CO - EMI 9781602 (8 CDs).

- **Variações e Fuga sobre um Tema de Purcell ('Guia dos Jovens para a Orquestra'). Quatro Interlúdios Marinhos e Passacaglia. Sinfonia de Réquiem. Chacony:** Slatkin / London Phil. - RCA 61226-2.

- **Serenata para Tenor, Trompa e Orquestra de Cordas. Les Illuminations. Nocturne:** Pears / Brain / Goossens / Britten / New SO - Decca 'Eloquence' 4768470.

- **Obras Corais e Ópera para Crianças:** Tear / Baker / Söderström / Choir of King's College Cambridge - EMI 0151562 (7 CDs).

- **War Réquiem ('Réquiem de Guerra'):** Britten/Vishnevskaya/ Pears / Fischer-Dieskau - London SO - Decca 'The Originals' 4757511 (2 CDs) ou Hickox / Harper / Langridge / Hill / Quirk / London SO - Chandos 8983/4 (2 CDs).

- **Britten Conducts Britten (Óperas):** Britten / Pears / Amit / Brannigan / Cantelo / Evans / Fisher/ English CO / London SO / Royal Opera House Covent Garden Ch. and Orch. / Ambrosian Opera Chorus - Decca 4756020 (**Vol. I: Albert Herring, Billy Budd, Owen Wingrave, Peter Grimes** - 8 CDs) e Decca 4756029 (**Vol. II: A Midsummer Night's Dream, The Rape of Lucretia, The Turn of the Screw Bedford & Mackerras Conducts Death In Venice & Gloriana** - 10 CDs).

- **Benjamin Britten Centenary (Óperas):** Brunelle / Knussen / Harding / Hickox / Chorus & Orch. of the Plymouth Music Series / Orch. and Chorus of the Royal Opera House / Aldeburgh Festival Ensemble / London Ch. and SO / Mahler CO / City of London Sinfonia - Warner Classics 735007-2 (13 CDs).

Messiaen

- **Obras Completas:** vários intérpretes - DG 4801333 (32 CDs).

- **Obras Orquestrais:** Boulez / Chung e vários intérpretes - DG 4801333 (10 CDs).

- **Messiaen Edition:** Boulez / Nagano e vários intérpretes - Warner Classics 2564621622 (18 CDs).

- **Turangalîla-Sinfonia:** Nagano / Aimard / Kim / Berlin PO - Teldec 8573 82043-2 ou Previn / Béroff / Lorigod / London SO - EMI (Japan) 15079 (2 SACDs) ou Wit / Bloch / Wegl / Polish NOS - Naxos 8.554478/9 (2 CDs) ou Chung / Lorigod / Orch. de L'Opéra Bastille - DG 431781-2.

- **Réveil des Oiseaux. Poème pour Mi. Sept Haïkai:** Boulez / Pollet / Aimard / Jones / Cleveland Orch. - DG 453478-2.

- **Obras Completas para Piano:** Hill - Regis 7001 (7 CDs).

- **Catalogue d'Oiseaux:** Muraro (piano) - Accord 465768-2 (3 CDs).

- **Vingt Regards sur l'Enfant Jésus:** Osborne (piano) - Hyperion 67351/2 (2 CDs).

- **Huit Préludes:** Hewitt (piano) - Hyperion 67054.

- **Obras Completas para Órgão:** Bate - Regis 6001 (6 CDs).

- **La Nativité du Seigneur e outras Obras para Órgão:** Weir (órgão) - Priory 921 ou Thiry (órgão) - Calliope 9928.

- **Quatour pour la Fin du Temps ('Quarteto para o Fim dos Tempos'):** Shaham / Meyer / Wang / Chung - DG 469052-2 ou Mustonen / Bell / Isserlis / Collins - Decca 452899-2.

- **Saint François d'Assise (ópera):** Nagano / Van Dam / Upshaw / Aler / Krause / Hallé O. - DG 445176-2.



O NEOBARROCO E O NEOCLASSICISMO DO SÉCULO XX

PRINCIPAIS COMPOSITORES



Ferruccio Busoni: nascido em Empoli, na região da Toscana, na Itália, em 1866, sendo filho único de dois músicos profissionais: um clarinetista e uma pianista. Criança prodígio, começou aprendendo piano aos sete anos de idade com os pais, e dois anos depois apresentou-se em Viena, onde conheceu Liszt, Brahms e o pianista virtuoso Anton Rubinstein. Estudou em Graz e, depois, em Leipzig, com um pupilo de Mendelssohn e Schumann. Em 1888, foi trabalhar em Helsinque, onde conheceu sua esposa, Gerda, filha de um escultor sueco, e onde iniciou uma grande amizade com Sibelius. Como pianista virtuoso, ganhador do Concurso Anton Rubinstein, foi a Moscou, aos EUA e depois a Berlim. Depois trabalhou como professor de música e regente em Bologna e Zurique. Entre seus pupilos estavam músicos famosos como Kurt Weill, Edgard Varèse e Dmitri Mitropoulos. Busoni deixou algumas gravações onde toca piano, além de vários rolos para pianola. Faleceu em 1924, em Berlim, de doença renal.



Darius Milhaud: nascido em Marselha, na França, em 1892, de uma família de judeus de Aix-de-Provence. Estudou primeiro para ser violista, mas depois passou a dedicar-se à composição. Estudou composição no Conservatório de Paris - onde fez amizade com Arthur Honegger - sob a tutela de Charles Widor, e harmonia e contraponto com André Gedalge. Depois, teve aulas particulares com o célebre Vincent d'Indy. Em 1917, morou durante dois anos no Brasil, retornando em seguida à França. Três anos depois, em viagem aos EUA, tomou contato pela primeira vez com o jazz legítimo, no Harlem, em Nova York. Em 1925, casou-se com sua prima Madeleine e, cinco anos depois, nasceu seu único filho. Com a ascensão do Nazismo, Milhaud e a família mudaram-se para os EUA, onde passou a dar aulas. Entre seus famosos alunos estiveram Burt Bacharach e o pianista de jazz Dave Brubeck. Até 1971, deu aulas também no Conservatório de Paris. Confinado a uma cadeira de rodas, faleceu em 1974, em Genebra, aos 81 anos.



Arthur Honegger: nascido em Le Havre, na França, em 1892, onde logo começou a aprender harmonia e violino. Após dois anos no Conservatório de Zurique, entrou para o Conservatório de Paris em 1911, onde foi aluno de Charles Widor e Vincent d'Indy. Sua estreia como compositor foi em 1916 e, dez anos depois, casou-se com a pianista Andrée Vaurabourg. Filho de pais suíços, com a dominação nazista sobre a Suíça, Honegger acabou não podendo visitar o País, permanecendo em Paris, onde fez parte da Resistência Francesa. Porém, acabou conseguindo compor sem muita interferência dos nazistas, escrevendo alguns de seus trabalhos mais importantes. Com a saúde deteriorada, faleceu em Paris, em 1955, de um ataque cardíaco. O quarto Quarteto de Cordas, do compositor Darius Milhaud, foi dedicado ao seu amigo Arthur Honegger.



Francis Poulenc: nascido em Paris, na França, em 1899. Sua mãe, uma pianista amadora, deu-lhe as primeiras lições no instrumento. Aos 15 anos conheceu o pianista espanhol Ricardo Viñes, intérprete das obras de Debussy e Ravel, e passou a ter aulas com ele. Sua primeira composição conhecida, de 1917, *Rapsodie Nègre*, teve ajuda de Stravinsky, que ajudou em sua publicação - e logo ele, Satie e Debussy seriam as principais influências de Poulenc. Em 1924, Diaghilev, da célebre companhia Ballets Russes, encomendava-lhe o balé *Les Biches*. A morte do compositor Pierre-Octave Ferroud, em 1936, despertou sentimentos religiosos que passaram a influenciar sua música. Durante a Segunda Guerra, juntou-se ao 'Comité de Front National des Musiciens', ligado ao Partido Comunista Francês. Compoendo prolificamente após a guerra, apresentou várias de suas obras nos EUA e, em 1961, publicou um livro sobre o compositor Emmanuel Chabrier. Faleceu de parada cardíaca em Paris, em 1963.



Kurt Weill: nascido em Dessau, na Alemanha, em 1900. Começou a ter aulas de piano aos 12 anos de idade e, também, a fazer suas primeiras tentativas de composição. Dois anos depois iniciou aulas particulares com Albert Bing, o mestre de capela de Dessau e, no mesmo ano, já se apresentou em público, ao piano. Aos 18 anos entrou para a Universidade das Artes de Berlim, onde estudou composição com Engelbert Humperdinck, entre aulas também de regência e contraponto. Mas, devido a problemas familiares, voltou a Dessau, onde passou a trabalhar como correpetidor. Logo, tornou-se mestre de capela em Lüdenscheid. De volta a Berlim, estudou composição com Ferruccio Busoni, entre outros. Em 1924, conheceu sua futura esposa, a cantora e atriz austríaca Lotte Lenya. Com suas primeiras obras influenciadas por Mahler e Schoenberg, Weill passou a dedicar-se mais ao teatro musical. Fugido do Nazismo, trabalhou em Paris e, depois, Londres e, finalmente, Nova York, naturalizando-se norte-americano em 1943. Faleceu de um ataque cardíaco aos 50 anos de idade, em 1950, em Nova York.



Olivier Messiaen: nascido em Avignon, na França, em 1908, filho de uma poetiza e um professor de inglês que havia traduzido as obras de Shakespeare para o francês. Durante a Primeira Guerra morou com seu tio em Grenoble. Já autodidata no piano, iniciou aulas no instrumento e logo começou a compor, interessado na obra de Debussy e Ravel. Aos 11 anos entrou para o Conservatório de Paris, onde obteve vários prêmios e demonstrou habilidade para improvisação ao órgão. Sua estreia em público foi com a obra *Les Offrandes Oubliées*, em 1931. Logo assumiu como organista da Igreja da Santa Trindade, em Paris, e em seguida casou-se com a violinista Claire Delbos. Em 1941, tornou-se professor de harmonia e, depois, composição, no Conservatório de Paris. Boa parte de sua obra utiliza inspiração mística, ritmos e elementos exóticos. Entre seus alunos mais famosos estão o maestro Pierre Boulez, o compositor alemão Karlheinz Stockhausen e o compositor brasileiro Almeida Prado. Faleceu em Paris, aos 83 anos, em 1992.



Paul Hindemith: nascido em Hanau, na Alemanha, em 1895. Começou a aprender o violino ainda criança. Entrou para o Conservatório Hoch, em Frankfurt, onde aprendeu também composição e regência. Em 1914, entrou para a Orquestra de Ópera de Frankfurt, da qual se tornou líder três anos depois, além de tocar em vários quartetos de cordas durante esse período. Começou a ganhar notoriedade internacional quando suas peças foram apresentadas em um festival de música contemporânea em Salzburgo. Em 1927, tornou-se professor da Universidade das Artes de Berlim. Na década de 1930 esteve no Cairo e em Ankara, onde ajudou na reorganização da educação musical turca. Em 1938, imigra para a Suíça e, dois anos depois, para os EUA, onde passou a dar aulas na Universidade de Yale e a dar palestras em Harvard, o que resultou em um livro chamado 'A Composer's World'. Em 1946, tornou-se cidadão norte-americano, mudando-se, porém, para Zurique sete anos depois. Após um longo declínio em sua saúde, faleceu de pancreatite, em Frankfurt, aos 68 anos.



Benjamin Britten: nascido em Lowestoft, na Inglaterra, em 1913. Demonstrou desde pequeno interesse e talento musical, herdado de sua mãe, que foi quem lhe deu as primeiras noções de piano e notação musical, sendo que aos cinco anos ele já tentava compor, aos sete passou a ter aulas de piano e, aos dez, de viola. Foi criado em um ambiente exclusivamente de música ao vivo. Ao conhecer o compositor Frank Bridge, Britten passou a ter aulas com ele, contanto que continuasse a frequentar a escola pública. Logo passou três anos no Royal College of Music, em Londres, onde ganhou vários prêmios por suas composições. A partir de 1935, passa a compor uma série de trilhas para o departamento de música da BBC. Em 1937, conhece o tenor Peter Pears, que viria a ser seu companheiro por toda a vida. Suas subseqüentes viagens para Bali e o Japão, e depois para a Rússia, passaram a influenciar seu estilo musical. No início da década de 1970 começou a sentir problemas cardíacos, mas continuou compondo e até foi nomeado pela Rainha da Inglaterra como Lorde Britten de Aldeburgh. Faleceu em 1976, aos 63 anos, em Aldeburgh, na Inglaterra.

CURIOSIDADES

- Busoni era particularmente dedicado a promover a música contemporânea, sendo que em 1907 declarou que lamentava os ditames tradicionalistas da música e previa que, no futuro, as oitavas seriam divididas em mais do que apenas 12 partes, influenciando vários compositores, como Edgard Varèse.

- Durante a Primeira Guerra Mundial, Busoni viveu primeiro em Bolonha, na Itália e, depois, em Zurique - e se recusou a tocar música em qualquer País que estivesse envolvido na Guerra.

- Busoni foi um prolífico compositor, além de arranjador para piano de uma série de obras de Bach. Mesmo assim, suas obras foram deixadas de lado por vários anos depois de sua morte, sendo lembradas apenas a partir da década de 1980.

- Milhaud serviu durante mais de dois anos como secretário de Paul Claudel, que foi, no período, embaixador da França no Brasil. Durante esse tempo compôs uma série de obras influenciadas pela música popular brasileira e por compositores como Ernesto Nazareth, com temas que evocavam o Carnaval e as danças brasileiras, como sua obra *Saudades do Brasil*.

- O célebre pianista norte-americano de jazz Dave Brubeck foi um dos mais famosos alunos de Darius Milhaud no Mills College na década de 1940, sendo que a opinião do mestre era tão alta que, quando seu primeiro filho nasceu, Brubeck batizou-o de Darius.

- Outro conhecido aluno de Milhaud foi o compositor Burt Bacharach, para quem ele disse que não devia ter medo de escrever melodias que as pessoas memorizassem e assobiassem.

- Honegger casou-se com a pianista Andrée Vaurabourg com a condição de que vivessem em apartamentos separados. Só viveram juntos durante dois períodos: enquanto Vaurabourg se recuperava de um acidente de carro e no final da vida de Honegger, quando ele não conseguia mais se cuidar sozinho.

- O rosto de Arthur Honegger estampa a atual nota de 20 francos suíços.

- Messiaen casou-se em 1932 com a violinista Claire Delbos, para a qual dedicou obras como o ciclo de canções *Poèmes pour Mi*, entre outras, e com quem teve seu filho Pascal. Após uma operação, Delbos perdeu a memória e passou o resto de sua vida em um manicômio.

- Messiaen compôs a *Sinfonia Turangalila* usando um instrumento eletrônico chamado de 'Ondas Martenot' (teclado eletrônico) - um dos primeiros do gênero no mundo - inventado por Maurice Martenot em 1928, semelhante ao Teremim, que produz um som ondulante e oscilatório.

- Por necessidade financeira, Kurt Weill deu aulas particulares de teoria musical e composição de 1923 a 1925. Entre seus célebres alunos - que depois passaram a fazer parte do grupo de amigos do compositor - estavam o pianista Claudio Arrau e o regente Maurice Abravanel.

- A obra mais conhecida de Weill é a *Ópera dos Três Vinténs*, de 1928, que continha a canção 'Die Moritat von Mackie Messer', mais conhecida como o standard de jazz *Mack the Knife*, que depois fez um tremendo sucesso nas vozes de Bobby Darin, Ella Fitzgerald, Frank Sinatra e Louis Armstrong, entre vários outros.

- Weill compôs várias obras de sucesso em associação com o dramaturgo alemão Berthold Brecht, mas sua parceria chegou ao fim por divergências políticas. Brecht, marxista, tentou empurrar Weill cada vez mais para a extrema esquerda. Weill, apesar de ser socialista, comentou - segundo sua esposa, Lotte Lenya - que 'não poderia musicar o manifesto do partido comunista'.

- Fugido da Alemanha nazista e radicado nos EUA, Weill dedicou-se a quase nunca falar ou escrever em alemão - uma das raras exceções foi quando escreveu uma carta aos seus pais que haviam escapado para a Palestina.

- Em vez de escrever música no estilo europeu, Weill passou a estudar a música popular norte-americana e, apesar de alguns críticos considerarem seu trabalho a partir de então como inferior, várias de suas obras são consideradas como seminais para o desenvolvimento do gênero dos musicais norte-americanos.

- Weill chegou a dedicar-se a criar uma ópera norte-americana que fosse tanto um sucesso musical como artístico. A tentativa mais interessante foi *Street Scene*, um trabalho que acabou por receber o Primeiro Prêmio Tony da história.

- Hindemith teve a vida um pouco atribulada pelos nazistas, pois alguns deles condenavam sua música como 'degenerada' e Goebbels chamava-o publicamente de 'fazedor atonal de barulho'.

CURIOSIDADES

Apesar do famoso maestro Wilhelm Furtwängler tê-lo defendido, Hindemith acabou imigrando para a Suíça, principalmente devido ao fato de que sua esposa tinha ascendência judaica.

- Britten, quando jovem estudando em Londres, teve contato com a obra de compositores como Stravinsky, Shostakovich e Mahler, que tanto o influenciaram que ele tinha a intenção de fazer pós-graduação em Viena, na Áustria, como aluno de Alban Berg. Mas sua família acabou fazendo-o mudar de ideia.

- A partir de 1935, Britten acabou compondo uma longa série de trilhas sonoras para a unidade de filmes da BBC, onde conheceu e fez amizade com o escritor W. H. Auden, que o ajudou a lidar melhor com sua homossexualidade. Auden era um homossexual liberal, e Britten era puritano e sexualmente reprimido.

- Britten compôs sua célebre *Sinfonia da Réquiem* como uma encomenda do governo japonês para comemorar o 2.500º aniversário da Dinastia Mikado. Os japoneses, curiosamente, negaram-se a

estrear a obra, o que acabou acontecendo com o regente Serge Koussevitzky frente à Sinfônica de Boston, nos EUA.

- Poulenc é considerado como um dos primeiros compositores abertamente gays. Seu primeiro relacionamento sério foi com o pintor Richard Chanlaire, para o qual ele dedicou seu *Concert Champêtre*.

- Poulenc permaneceu por toda sua vida como um compositor principalmente autodidata. Um dos poucos treinamentos formais em música que recebeu foi entre 1921 e 1925 com o compositor e professor francês Charles Koechlin.

- Milhaud, Honegger e Poulenc faziam parte do chamado Grupo dos Seis (Les Six), um grupo de compositores franceses que trabalhavam em Montparnasse e cujo trabalho era visto como uma reação contra a estética musical de Richard Wagner e o Impressionismo de Debussy e Ravel. Os outros membros do grupo eram Georges Auric, Louis Durey e Germaine Tailleferre.

LINHA DO TEMPO

1866 - Nasce o compositor Ferruccio Busoni, em Empoli, na Itália.

1883 - Morre o compositor Richard Wagner, em Veneza, na Itália.

1891 - Abre o Carnegie Hall, em Nova York.

1892 - Nasce o compositor Darius Milhaud, em Marselha, na França. Nasce o compositor Arthur Honegger, em Le Havre, na França.

1895 - Nasce o compositor Paul Hindemith, na Alemanha.

1900 - Nasce o compositor Kurt Weill, na Alemanha.

1908 - Nasce o compositor Olivier Messiaen, na França.

1909 - Stravinsky compõe o balé *O Pássaro de Fogo*.

1910 - Busoni compõe a *Fantasia Contrappuntistica*.

1913 - Nasce o compositor Benjamin Britten, na Inglaterra.

1918 - Morre Debussy, em Paris.

1921 - Milhaud compõe *Saudades do Brasil*.

1924 - Morre Busoni.

1928 - Kurt Weill compõe o musical *A Ópera dos Três Vinténs*.

1937 - Pablo Picasso pinta seu famoso quadro *Guernica*. Carl Orff compõe *Carmina Burana*.

1938 - Hindemith compõe *Mathis der Maler*.

1940 - Messiaen compõe seu *Quarteto para o Fim dos Tempos*.

1945 - Britten compõe a ópera *Peter Grimes*.

1950 - Morre Weill, em Nova York.

1953 - Honegger compõe *A Christmas Cantata*.

1955 - Morre Honegger.

1956 - Poulenc compõe a ópera *Diálogos das Carmelitas*.

1963 - Morre Hindemith, em Frankfurt. Morre Poulenc, em Paris.

1971 - Morre Stravinsky, em Nova York.

1974 - Morre Milhaud.

1976 - Morre Britten, na Inglaterra.

1992 - Morre Messiaen, em Paris.



O NEOBARROCO E O NEOCLASSICISMO DO SÉCULO XX - VOL. 14

XX Christian Pruks
christian@clubedoaudio.com.br

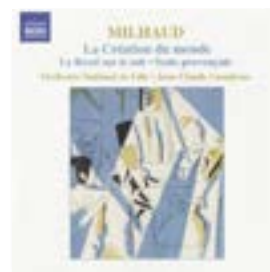
A pesquisa para a seleção das faixas do CD deste mês gerou descobertas muito interessantes, como a *Sinfonia nº 2* de Kurt Weill, a pouco executada suíte sinfônica baseada na ópera *Gloriana* de Benjamin Britten, ou mesmo a interessante história por trás da composição e estreia do *Quarteto para o Fim dos Tempos*, de Olivier Messiaen - a qual para mim demonstra a tremenda e inegável importância da música para todos nós.



FAIXA 1 - FERRUCCIO BUSONI (1866-1924) - CONCERTO PARA PIANO - V. CANTICO: LARGAMENTE (1904) - (NAXOS 8.572523, FAIXA 5)

Busoni era um pianista virtuoso, e seu *Concerto para Piano* é dos mais extensos já compostos, cujas apresentações superam 70 minutos. Sua escrita pouco usual inclui uma orquestra grande e um coro masculino

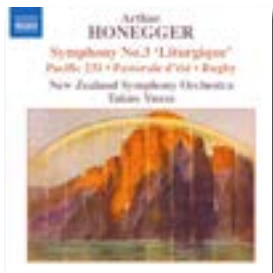
que canta versos do drama *Alladin*, do poeta e dramaturgo dinamarquês Adam Oehlenschläger - considerado como o introdutor do Romantismo na literatura de seu País. Não foi o primeiro concerto para piano a incluir um coro no movimento final, sendo que o alemão Daniel Steilbelt e o austríaco Henri Herz já haviam feito isso em 1820 e 1858, respectivamente. A primeira apresentação da obra foi em 10 de novembro de 1904, na Beethoven-Saal, em Berlim, com o próprio Busoni ao piano e Karl Muck regendo a Orquestra Filarmônica de Berlim.



FAIXA 2 - DARIUS MILHAUD (1892-1974) - A CRIAÇÃO DO MUNDO (1923) - (NAXOS 8.557287, FAIXA 1)

Após uma viagem aos EUA, onde teve contato com o jazz, Milhaud compôs o balé *A Criação do Mundo*, baseado no folclore africano, que ►

usa várias ideias jazzísticas em sua composição. As temáticas africana e afro-americana estavam na moda em Paris, na época. Foi uma encomenda da companhia sueca Ballets Suédois, competidores da famosa Ballets Russes de Sergei Diaghilev, e é uma obra que reflete os ideais de combinação de formas populares de arte, típicos do Grupo dos Seis (Les Six). Estreou na temporada de 1923 do Ballets Suédois, juntamente com o único balé composto por Cole Porter, chamado de *Within the Quota*.



FAIXA 3 - ARTHUR HONEGGER (1892-1955) - PACIFIC 231 (1923) - (NAXOS 8.555974, FAIXA 6)

Honegger sempre foi um entusiasta de trens, chegando a dizer que não só considerava-os como seres vivos, mas também que os adorava como outras pessoas adoram mulheres ou cavalos. O poema sinfônico *Pacific 231*, portanto, refere-se a uma locomotiva a vapor, sendo que Pacific é uma classe de locomotivas e 231 é a designação e a classificação do arranjo de rodas da mesma. Portanto, 231, no sistema de classificação francês, designa uma locomotiva com dois eixos guia, três eixos principais e um eixo traseiro. No sistema de classificação Whyte, usado nos EUA e em várias outras partes do mundo, que leva em conta o número de rodas e não o número de eixos de uma locomotiva a vapor, ela se chamaria, portanto, 'Pacific 462'.



FAIXA 4 - KURT WEILL (1900-1950) - SINFONIA Nº 2 - III. ALLEGRO VIVACE (1934) - (NAXOS 8.557481, FAIXA 3)

A *Sinfonia nº 2* de Weill foi seu último trabalho puramente orquestral, composto em 1934 após a estreia na Broadway do famoso musical *A Ópera dos Três Vinténs*, e logo quando chegou a Paris, fugido do Nazismo. A obra estreou pelas mãos do maestro Bruno Walter em Amsterdã em outubro e, em Nova York, em dezembro do mesmo ano. A *Sinfonia nº 2* foi uma encomenda da mecenas Princesse de Polignac - que já havia encomendado obras de Stravinsky, Satie e Poulenc, além de subsidiar artistas como Arthur Rubinstein e Vladimir Horowitz. Sua estreia não causou grande entusiasmo, e a obra só chegou a fazer parte do repertório clássico na década de 1980.



FAIXA 5 - OLIVIER MESSIAEN (1908-1992) - QUARTETO PARA O FIM DOS TEMPOS - VII. FOUILIS D'ARCS - EN - CIEL, POUR L'ANGE QUI ANNONCE LA FIN DU TEMPS (1940) - (NAXOS 8.554824, FAIXA 7)

Em 10 de maio de 1940, a França e os Países Baixos foram invadidos pelo avanço do Nazismo. Messiaen, então soldado do Exército Francês, foi capturado nos meses seguintes e tornou-se prisioneiro de guerra em um campo de concentração alemão situado onde hoje é a cidade de Zgorzelec, na Polônia. Enquanto prisioneiro, conseguiu compor o *Quarteto para o Fim dos Tempos*, para clarinete, violino, violoncelo e piano - pois haviam, no campo, um clarinetista, um violinista e um violoncelista. A obra foi apresentada em 15 de janeiro de 1941, no pátio do campo de concentração, na chuva, com outros músicos prisioneiros, usando instrumentos de péssima qualidade e em péssimo estado, pois eram os únicos disponíveis, para uma plateia de aproximadamente 400 prisioneiros e guardas. Messiaen depois declarou que nunca foi ouvido com tanta atenção e compreensão como nessa estreia.



FAIXA 6 - PAUL HINDEMITH (1895-1963) - METAMORFOSES SINFÔNICAS SOBRE TEMAS DE CARL MARIA VON WEBER - TURANDOT: SCHERZO (1943) - (NAXOS 8.553078, FAIXA 8)

Uma das obras mais populares de Hindemith, agrega vários temas e melodias do compositor alemão Carl Maria von Weber, que foi um dos precursores do Romantismo alemão no início do século XIX. A ideia da obra, dada pelo coreógrafo Léonide Massine, era de fazer um balé com rearranjos da música de Weber. Hindemith deu preferência à versão sinfônica da obra e, tendo em mente a virtuosidade das orquestras norte-americanas da época, deu o nome à obra originalmente em inglês, em vez de alemão. O segundo movimento, Scherzo, usa temas tirados da música incidental que Weber escreveu para a peça *Turandot*, de Carlo Gozzi. A estreia da obra foi em 20 de janeiro de 1944, com Artur Rodzinsky regendo a Orquestra Filarmônica de Nova York.

DISCOGRAFIA

23
ANOS
AVMAG



FAIXA 7 - BENJAMIN BRITTEN (1913-1976) - GLORIANA (SUÍTE SINFÔNICA) - X. GLORIANA MORITURA (1954) - (NAXOS 8.556838, FAIXA 9)

Em 1953, Britten compôs a ópera *Gloriana*, para comemorar a coroação da Rainha Elizabeth II. Considerada a ópera problemática do compositor, não foi muito bem recebida e foi acusada de controversa e moderna demais, tanto em sua forma quanto em relação à temática, para a plateia da época. No fim de 1954, Britten rearranjou a ópera em forma de suíte sinfônica, sendo o último movimento, *Gloriana Moritura*, quando a rainha enfrenta sua própria morte.



FAIXA 8 - FRANCIS POULENC (1899-1963) - ELÉGIE PARA TROMPA E PIANO (1957) - (NAXOS 8.553614, FAIXA 25)

Composta em 1957 por Poulenc, foi ouvida pela primeira vez em um programa da BBC, e publicada no ano seguinte, pela Chester. A obra foi dedicada pelo compositor ao trompista britânico Dennis Brain, considerado um grande virtuoso no instrumento, que morreu naquele mesmo ano em um acidente de carro. Vários compositores famosos haviam escrito obras especialmente para Dennis Brain tocar, como *Serenade for Tenor and Horn and Strings*, de Benjamin Britten, e o *Concerto para Trompa e Orquestra* de Paul Hindemith.



PROMOÇÃO CD HISTÓRIA DA MÚSICA SINFÔNICA O NEOBARROCO E O NEOCLASSICISMO DO SÉCULO XX - VOL. 14

A Editora AVMAG disponibilizará também para você esse mês, que não adquiriu na época de lançamento, este CD para quem enviar um e-mail para:

- revista@clubedoaudio.com.br -

O leitor apenas terá de pagar o frete + embalagem de Sedex.

NÃO PERCA ESSA OPORTUNIDADE!! - promoção válida até o término do estoque.

**OUÇA UM MINUTO DE CADA FAIXA DO CD
HISTÓRIA DA MÚSICA - O PRELÚDIO DE UMA NOVA ERA (II) - VOL. 13:**

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04

- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

CAIXA ESPECIAL VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESF, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfonias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que "registra" em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS Nº 1 E 2:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

f /movieplaydigital
t @movieplaybrasil
m "movieplaydigital"

(11) 3115-6833

movieplay
DIGITAL MUSIC

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.



AS MEMÓRIAS QUE NÃO NOS DEIXAM ESQUECER

Todos temos nossas memórias, que nos lembram nossas conquistas e nossas derrotas. Nossos sonhos realizados e nossas frustrantes decepções. Minha vó dizia: “Quem não têm memória, não pode ter vivido plenamente”. Pois o que somos hoje é a soma de tudo que já fomos e nossa memória é nosso arquivo pessoal, que carregamos por toda a nossa existência!

Já escrevi algumas vezes que minhas principais memórias, aquelas mais longínquas da primeira fase da vida, são quase todas olfativas. Já da fase ginásial em diante, todas as memórias mais intensas, são auditivas, ou melhor: musicais! Minha mãe era uma esposa muito preocupada com a educação curricular e de formação para o mundo. Foi ela que me despertou o interesse pela leitura e pelas artes, e tinha o mesmo ‘DNA’ do seu pai, meu avô Fernando Condurú, que era um retratista nato!

Em uma das minhas lembranças mais marcantes, sou eu e ela sentados à mesa na cozinha, tentando acabar mais uma página no caderno de caligrafia, com lágrimas escorrendo pelo rosto e minha mãe rabiscando uma folha de sulfite. Quando ela acabou o meu retrato, com tamanho realismo, fiquei impressionado com o seu talento! Ali, aos 6 anos de idade, descobri um dom que desconhecia que minha mãe tivesse. Mas sabem como guardei aquele momento tão vivo em minha memória?

Pelo olfato, pois enquanto minha mãe me desenhava e cobrava minha caligrafia, a panela de pressão zunia em nossos ouvidos, cozinhando feijão.

Entre no primeiro ano primário com 6 anos (ainda por fazer) e aos 10 anos já estava indo para o primeiro ano do ginásio. Minha memória auditiva foi lentamente se apropriando da minha mente à partir dos 7 para 8 anos. Mas, se tentar colocar em ordem cronológica a inversão das memórias olfativas para as auditivas, diria que se deram integralmente a partir dos meus 9 anos. A partir deste momento, 90% de minhas memórias são todas auditivas. Se você me pedir para localizar em minha memória um natal, eu apenas preciso associar a música que estava tocando naquela data (meu pai adorava fazer trilhas e registrar em fitas de rolo, para datas com a família reunida). Os anos incríveis de minha adolescência, todos os principais momentos estarão ligados à uma música ou à alguns discos. Para todas as minhas namoradas, gravei fitas cassetes, e ainda que muitas não entendessem a mensagem subliminar, aquela trilha era a tentativa de colocar em música aquilo que não conseguia expressar em palavras. E, antes que você me pergunte se namorei alguma garota que não gostava de música, a resposta é um sonoro não! Pois não conseguiria conviver por um dia com uma pessoa que não gostasse de música. Não gostar de poesia, até seria tolerável, mas não apreciar música seria muito distante de meu universo. Sempre brinquei que, com meu pai e meus irmãos, nos comunicávamos muito mais pela música do que com palavras. Quando ia aos sábados visitar meu pai, só de ouvir ainda na rua o que ele estava a escutar, eu já sabia qual era seu estado de humor naquele momento. O mesmo se dava com os meus irmãos. Isso me ensinou uma bela lição que carregou pela vida: se estivermos atentos aos detalhes

que os outros nos passam, criaremos relações muito mais profundas e sinceras! E a música exprime com sabedoria o estado emocional das pessoas em diversas fases da vida. Porém, para muitos, determinados gêneros musicais exprimem sempre determinados estados emocionais, que são associados com tristeza ou melancolia.

Algo que nunca concordei, mas já desisti de tentar explicar que não estou triste ou arrasado quando escuto o Adágio de Albinoni, ou Astor Piazzola, rs! Pois muitos associam essas obras a estados de melancolia trágica.

A música para mim transcende essas associações, pois quando ouço essas obras tento compreender o que o compositor estava a sentir e pensar e não o que esta obra me transmite.

Claro que sei que Adiós Noniño foi composta no momento em que Astor Piazzola soube da morte do seu pai. E obviamente existe ali uma carga de dor, difícil de não notar. Porém, se o ouvinte for sensível, perceberá que também há respeito e admiração, tornando aquele momento tão lírico e único que nos faz compreender como cada um trabalha o seu luto e que não necessariamente é feito apenas de dor e lágrimas.

Essas obras que aqui citei me fazem refletir sobre a real condição humana, repleta de incertezas, percalços, mas também de inúmeras realizações. Não somos seres lineares, todos experimentamos a dinâmica presente em todos os fenômenos universais.

Um filósofo uma vez escreveu: “A morte de uma estrela é tão trágica quanto toda a miséria humana”.

Voltando às relações familiares, consegui perceber desde muito cedo como as músicas que todos nós escutávamos, substituíam com mérito a falta de diálogo, o que foi se tornando mais frequente à medida que meus pais se distanciavam e meus irmãos cresciam.

Assim como as namoradas, jamais tive amigos que não gostassem de música. Aliás, para se tornar amigo, de levar em casa para ouvir música, tínhamos antes que saber do que gostavam e se era consistente o suficiente seu conhecimento musical (era um interrogatório minucioso).

Pois caso este novo potencial amigo ainda estivesse na fase de ouvir música somente no rádio, sua entrada no grupo seria negada. Éramos radicais como todo adolescente é nesta fase da vida.

Felizmente os extremos a vida corrige, e nos possibilita aceitar o outro como ele é. Mas, querer isso de um adolescente é esquecer que todos nós passamos por esta fase radical.

Olhando hoje para o passado, vejo que minhas memórias estão associadas a uma enorme trilha musical, que vai de canto gregoriano à Penderecki, com fases muito marcantes para determinados estilos musicais, como rock progressivo, jazz, música instrumental brasileira, música étnica.

Um mosaico de ritmos e estilos que traduz de forma precisa o que sou, o que sinto e no que acredito.

Minha memória musical não me deixa esquecer nenhum detalhe essencial de minha existência. Por isso a preservo tão intensamente e a alimento com uma dose diária de audições antes de me recolher para o justo descanso. ■



Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

Fundador e atual editor / diretor das revistas Áudio Ví-deo Magazine e Musician Magazine. É organizador do Hi-End Show (anteriormente Hi-Fi Show) e idealizador da metodologia de testes da revista. Ministra cursos de Percepção Auditiva, produz gravações audiófilas e presta consultoria para o mercado.

DIRETOR / EDITOR

Fernando Andrette

COLABORADORES

Antônio Condurú

Clement Zular

Guilherme Petrochi

Henrique Bozzo Neto

Jean Rothman

Juan Lourenço

Julio Takara

Marcel Rabinovich

Omar Castellan

RCEA * REVISOR CRÍTICO

DE EQUIPAMENTO DE ÁUDIO

Christian Pruks

Fernando Andrette

Rodrigo Moraes

Victor Mirol

CONSULTOR TÉCNICO

Victor Mirol

TRADUÇÃO

Eronides Ferreira

AGÊNCIA E PROJETO GRÁFICO

WCJr Design

www.wcjrdesign.com

Áudio Vídeo Magazine é uma publicação mensal, produzida pela EDITORA AV MAG ME. Redação, Administração e Publicidade, EDITORA AV MAG ME. Cx. Postal: 76.301 - CEP: 02330-970 - (11) 5041.1415 www.clubedoaudioevideo.com.br

Todos os direitos reservados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

EDITORA
AV MAG



OPORTUNIDADE

dCS Vivaldi (importação oficial) DAC, Clock e Upsampler, todas as peças impecáveis e atualizadas!

- Cabos BNC Transparent incluídos.

contato@germanaudio.com.br



VENDO / TROCO

Cápsula Clearaudio Stradivari V2.

Trata-se da última versão desse modelo, com corpo em ébano, agulha HD e bobina totalmente simétrica em ouro 24 kt. Sua saída é de 0.6 mV, O que torna ela compatível virtualmente com todos os prês de Phono MC. A cápsula não possui ainda 50 horas de uso. Está realmente em estado de nova e sempre foi tocada utilizando discos limpos em máquina especial. US\$ 3.750.

Conforme o material, posso aceitar troca. Posso também combinar a instalação com o cliente.

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



VENDO

Toca discos J.A. Michell GYRO SE

MKII, com: 01 J.A. Michell Armboard (base) para braços Rega, 01 J.A. Michell

3 Point VTA Adjuster, 01 J.A. Michell

Record Clamp, 01 J.A. Michell

De-Coupler Kit (desacoplador do braço), 01 J.A. Michell HR DC Never

Connected Power Suply (bivolt), 01

braço Rega RB 303 com contrapeso

original, 01 contrapeso de braço

Isokinetic Isoweight Off Centre,

01 cápsula MC Ortofon Rondo Blue.

Uma obra de arte sonora e de design.

R\$ 20.000.

Rodrigo Moraes

rodrigopomarico@gmail.com

VENDO

1. Amplificador Parasound A 21, seminovo, em excelente estado. R\$ 8.500.

2. Set de válvulas casados e calibradas pela Air Tight, para os monoblocos ATM-3. Lacradas e sem nenhum uso. R\$ 4.000 (o pacote completo para os monoblocos).

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

1.



2.



VENDO

Toca-discos REGA P3 (Planar 3), com braço original Rega RB330.

Pouquíssimo uso, comprado novo há menos de 1 ano! Acompanha a caixa original e o manual.

Sobre o toca-discos:

O Planar 3 (P3) possui um novo braço, base e muitas outras revisões em relação à versão anterior (RP3).

Isso resultou em performance sonora marcante, além de ficar muito mais bonito. Ele tem apenas duas peças do RP3 anterior, o resto é tudo novo!

Especificações:

- novo braço RB330
- nova base de vidro Optiwhite 12 mm
- reforço de feixe mais espesso
- acabamento acrílico de alto brilho em preto ou branco
- subplastro redesenhado
- carcaça de rolamento principal redesenhada
- motor de 24V com novo PCB de controle de motor
- pode ser feito upgrade com o controlador de velocidade externo TT-PSU
- pés redesenhados
- contrapeso redesenhado

"Não é difícil perceber que o desenvolvimento de dois anos da Planar 3 valeu a pena. Para os nossos ouvidos, ele soa consideravelmente mais limpo e claro do que seu antecessor - o RP3. Há mais transparência aqui e mais resolução de detalhes também." (Whathifi)
<https://www.whathifi.com/rega/planar-3-elys-2/review#J5ecLu4iSB5r71Zu.99>

Obs: Não inclui a cápsula (Transfiguration Phoenix S)

Valor: R\$ 4.500

Samy

(11) 98181.8585
waitzberg@gmail.com



VENDO

Cápsula Transfiguration Phoenix S

Motivo da venda: por ser tão boa, vou fazer o upgrade para o modelo topo da marca, a Proteus. Mesmo custando uma fração do valor da Proteus, a Phoenix é muito, muito próxima de sua "irmã mais velha" - uma barganha se compararmos performance X custo. A agulha é exatamente a mesma (Ogura PA) montada no mesmo cantilêver de bóro.

Trata-se de uma cápsula de bobina móvel (MC) de baixa saída (~0.4mV) e com 4 Ohms de impedância interna. Casa perfeitamente com a grande maioria dos prês de Phono MC. Na casa de um amigo - que também comprou essa cápsula por minha indicação - casou magnificamente bem com o setor de Phono interno do integrado Luxman L-590AX, com 100 ohm de impedância. A Phoenix S possui uma transparência única, excelente foco e recorte, muita velocidade e muita musicalidade. Assinatura Transfiguration. Muito mais próxima da Proteus do que diferença de preço possa indicar, acredite. Possui cerca de 150 horas de uso, sempre usada em toca-discos extremamente bem ajustado e sempre com discos limpos por meio de máquina com sucção a vácuo.

- Acompanha a caixa, manual e o conjunto de parafusos originais.

O valor pedido (US\$ 3.000) está bem abaixo do valor dessa cápsula, que é de US\$ 4.500 nos EUA. Faça os cálculos (frete, impostos, riscos).

Valor: R\$ 11.500

<https://www.soundstageultra.com/index.php/equipment-menu/500-transfiguration-phoenix-s-phono-cartridge>

Samy

(11) 98181.8585
waitzberg@gmail.com

audio research

H I G H D E F I N I T I O N

Reference 160 M

Vacuum tube Monaural power amplifier



Agora no Brasil

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

german
Audio
www.germanaudio.com.br